

FOSTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Fase

ANNO I

SETEMBRO DE 1934

NUM. 3

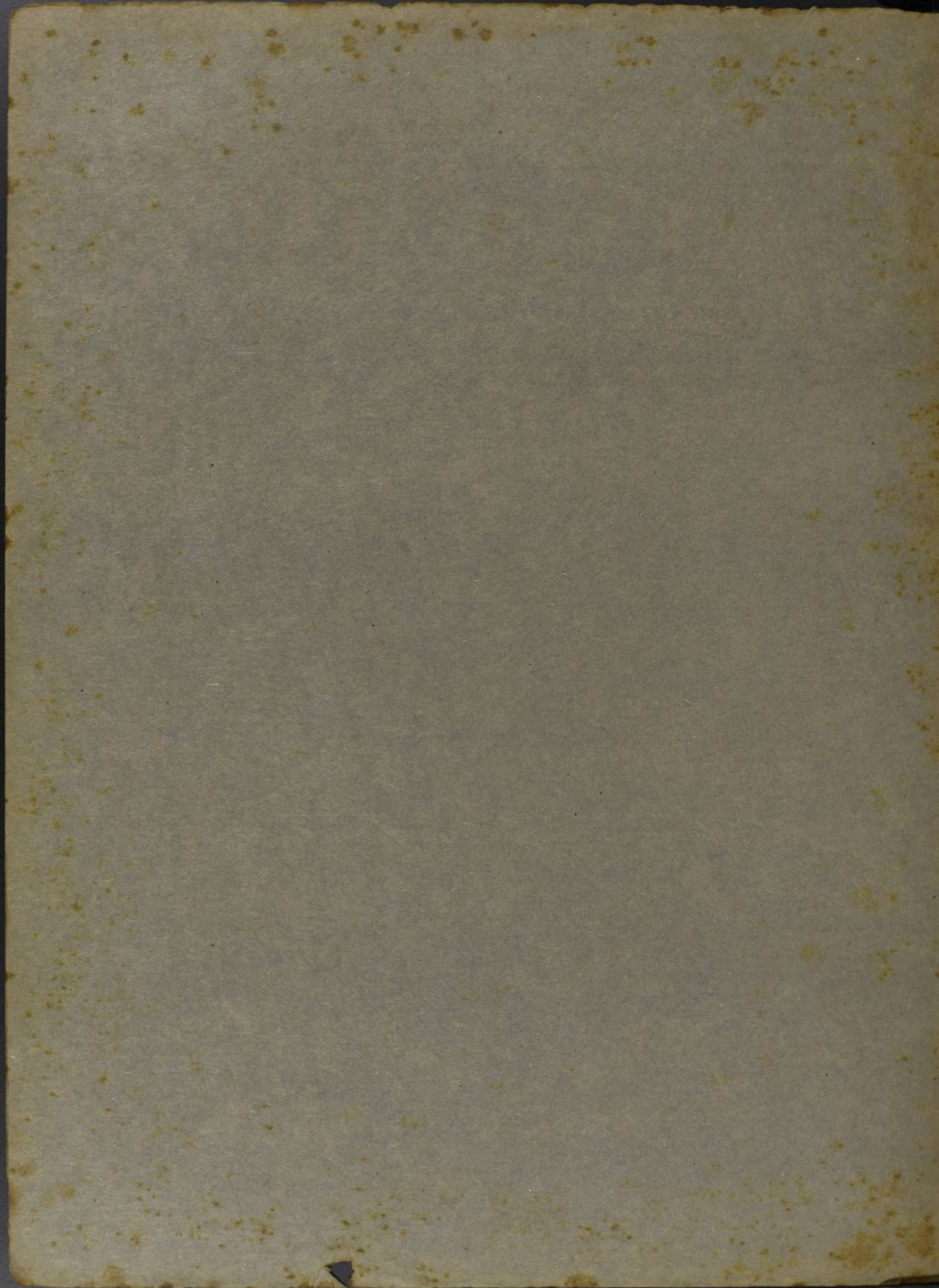
Neste numero :

Poemas de: *Murillo Mendes, Bastos Gadêa, Abgar Renault (trad. de Tagore), Murillo Araujo, Tavares Bastos, Egydio Squeff.*

Prosas de: *Henrique Abilio, Lacerda Pinto, Muricy, Barretto Filho, Silveira Netto, Eugenio Gomes, Tasso, Thomaz Murat, M. M., Aluizio Rocha.*

Referencias a: *Schmidt, Keyserling, Tomás Terrán, Victor Brecheret, Lytton Strachey, Lucio Cardoso, Hörderlin, Henrique Bustamante y Ballivián, Guy de Pourtalès, Anthero de Quental, Compton Mackenzie, Ismael Nery, Vila Lobos, Carlos Drummond de Andrade.*

Dezenhos de: *Renato A. Silva, etc.*



ANNO I

NUMERO

TRES

FOSTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Phase

RIO DE
JANEIRO

SETEMBRO

1934

o sentido puro da critica

Critica Pura, como eu a entendo, é o estudo da uma obra de arte dentro do seu proprio ambito, ou dentro do ambito comprehendido pela actividade artistica de um autor, quando considerado em conjunto.

Poderiamos defini-la pela analogia segundo a qual dizemos pura toda a substancia liberta de impurezas, mas em tal caso seria necessario determinar o que constitue as impurezas da critica ou daquillo em que consistem.

Sendo a critica um ponto de vista pessoal, pois que o elemento subjectivo em que ella repousa e em torno do qual gyra com maior ou menor exito é irreductivel em face de um criterio de julgamento a critica não poderá jamais exceder os limites de que em accepção propria se chama um estudo, e como tal deve ser praticada e aceita.

Dado que a tendencia da verdade subjectiva, em arte como em tudo o mais, é achar a expressão definitiva através da qual venha a constituir uma entidade objectiva, salvas todas as restricções especulativas da philosophia attinentes á adequação perfeita ou á conformidade exacta do nosso pensamento com a representação, pois que esta se acha excluida do dominio em que nos achamos, todo o esforço do critico deve inclinar-se para uma realização que contenha a maior efficiencia no sentido de eliminar, pelas conclusões reaes, toda a possibilidade da controversia.

O valor de uma verdade, aquisição subjectiva do espirito, é tanto maior quanto mais profunda é a sua capacidade de universalização, considerando a these não em face do espirito que o descobriu, mas de um ideal de humanidade.

Desprezado este, temos de admittir nm estado mystico, que olhado através da idéa religiosa, raia pela heresia.

Quero eu dizer que a subjectividade irreductivel da critica de nenhum modo contraria, antes exige, o empenho sincero capaz de introduzir nos seus processos qualquer elemento objectivo por

sua natureza intangivel á méra especulação, isto é, á especulação destituida da finalidade legitima.

E' justamente esse pendor, em muitos casos, inconsciente, de emprestar ás theorias abstractas o valor de paradigma, que tem desvirtuado a critica com as impurezas a que se oppõe o meu conceito do seu sentido puro.

O critico é um artista virtual e por conseguinte um estheta virtual.

A differença que separa um do outro é que, enquanto no segundo o mundo exterior lhe desperta a emoção creadora, no primeiro a obra de arte provoca o pensamento creador.

Transportada para a esphera metaphysica, que é aquella em que para mim se acha a solução final do problema da arte, enquanto phenomeno artistico, ver-se-á que a conclusão é parallela, uma vez admittida a obra de arte, necessariamente, como um pequeno mundo complexo e maravilhoso em face de uma sensibilidade de eleição.

Temos assim que a *Critica Pura*, tão lucidamente quanto me é possivel defini-la em synthese, é aquella que affirma a existencia de um critico independente *vis-a-vis* de uma obra de arte, a realidade de uma equação pessoal agindo restricta a si mesma.

Em ultima analyse, a *Critica Pura* é aquella que seja tantas vezes distincta quantas forem as obras de arte, quer dizer, especifica em relação á obra de arte.

Duas são as consequencias da theoria, assim definida, e uma resultante da outra.

Em primeiro lugar fica completamente eliminado qualquer preceito rigido, de natureza objectiva, por essencia inadequado á sua natureza, quando mais não fosse porque em arte, no dominio da esthetica como no da critica, é improprio tudo quanto é categorico.

Já se sabe que a critica scientifica é impossivel pe'a sua irreductibilidade ao objectivismo puro.

A segunda consequencia, de que a primeira é uma resultante automatica, está no indice do subjectivismo rigoroso que distingue a definição acima.

E' logico portanto que a *Critica Pura* é por assim dizer uma criação e tem de ser, em tal caracter, *original* e individualizada.

Deduz-se inevitavelmente daqui que ella só existe propriamente em função do pensamento do critico e exclusivamente do critico.

Quer dizer que ella perderá da sua pureza toda vez que esse pensamento for influenciado por qualquer elemento estranho á sua propria esphera ou á sua propria essencia.

O critico tem de encontrar em si mesmo o recurso necessario ao estudo que se propõe: a *Critica Pura* é um caso passado na intimidade restricta do critico e da obra de arte.

Um exemplo concreto dirá a palavra final sobre o assumpto.

Se um critico, analysando uma obra de arte de hoje, fór encontrar, digamos em Sainte-Beuve, um conceito que se substitua ao seu proprio conceito, eu direi que elle introduziu na *Critica Pura* uma impureza que a desvirtua por modos diversos.

O conceito de Sainte-Beuve, em tal caso, intenta não sómente contra o pensamento exclusivo do critico, mas contra a actualidade no tempo e no espaço que assignala a *Critica Pura*, porque ella deve ser, como a arte, caracterizada por essa actualidade.

Se o phenomeno se verificar no Brasil e o critico se valer de José Verissimo o attentado será contra a actualidade no tempo e se se soccorrer de um critico de hoje estará em cheque o indice irreductivel de subjectivismo, tendo-se presente que em todos os casos perde a integridade, por "influencia do elemento estranho á sua propria esphera ou á sua propria essencia", o pensamento do critico, quer dizer, a sua equação pessoal.

Vê-se de prompto a objecção que occorre fazer e que se nos apresenta em dous aspectos diversos.

Por um lado, uma razão especiosa e sem valor proprio, relativa ás citações que estão naturalmente banidas, precisamente porque a *Critica Pura* as não supporta, nem a qualquer outra especie de exhibicionismo facil contrario ao seu valor intrinseco.

Por outro, dir-se-á que em tal caso o ideal seria não conhecer os criticos, e eu creio que para a eficiencia integral da *Critica Pura* esse seria realmente o ideal, se de facto o asserto não envolvesse um paradoxo, que desloca o problema para outra ordem de cogitações.

A realidade é outra.

Uma vez que a *Critica Pura* não é uma apologia da ignorancia, a inferencia é illegitima fóra da esphera do paradoxo, de onde se segue que o conhecimento da critica, sendo de facto necessario,

erige uma capacidade de cultura e pensamento nucleado, através do qual essa critica filtra de tal maneira que da operação mental correspondente não resulta somma de conhecimentos, isto é, superposição de noções mais ou menos sobrepostas umas ás outras, mas na verdade uma assimilação integral e em virtude da qual se produza intensificação profunda e ampliação de rythmo e não modificação na sua essencia intima.

Exactamente como o individuo que deixando cair dentro de um copo d'agua umas tantas gottas de outras tantas substancias soluveis nessa mesma agua, retira-se após uma gotta, em que estariam presentes todas aquellas substancias mais a agua correspondente ao volume da gotta.

O rythmo estaria alli representado pelas propriedades fundamentaes da agua; e intensificação pela mistura resultante, em face de um fim previsto; a ampliação pelo volume total do liquido; a essencia intima pela vibração mollecular.

Como se vê, por mais numerosas que fossem as substancias adicionadas, a agua estaria sempre presente, dado que a subdivisão iria até o infinito, ou antes, até as divisões, porque sendo finito o universo a extensão phenomenal tambem o é e em tal hypothese a subdivisão cessaria antes de attingidos os chamados grãos de energia, que geralmente se aceitam como a fórmula ultima da materia, naturalmente inextensivos como são.

A imagem subsiste de toda a maneira porque nada me impede de imaginar uma pipa em vez de um copo, conservando embora as gottas como taes, de tal sorte que a agua estivesse sempre presente em maior dose.

Substancias inso!uveis entre si exemplificariam a hypothese opposta, embora nenhuma das imagens quadre precisamente o phenomeno, antes me parecem lêm grosseiras, o que não admira, uma vez que é sempre inadequada a representação de idéas abstractas.

O que é necessario é que se retenha o principio independentemente da representação.

De resto, todos nós os que fazemos critica sabemos da inconveniencia real que ha em lér apreciações de uma dada obra de arte se pretendermos escrever sobre ella dentro de um tempo insufficiente e permittir que o pensamento contido em taes apreciações venha a crystallizar-se, quer dizer, a assimilar-se pelos meios apontados acima.

Supposta uma obra de arte a uma critica relativa, o critico deve estar habilitado, após o conhecimento de ambas, a exercer a *Critica Pura* em toda a sua pureza, precisamente em conformidade da assimilação integral a que acima me referi.

Em consequencia, a *Critica Pura* é a critica independente da critica.

(Do livro posthumo, inedito: "*Critica Pura*").

o balanço da vida

Fazer o balanço da vida... (Balanço é termo comercial. Os anos de engenharia. Todo mal estar passado. Uma pasta enorme, recheada de papeis, pensando sobre o meu coração). Balanço, sim, que importa? Não é outra coisa. Quanto eu devo à vida! Quanto a vida me deve!

Farrapos de impressões, boas, más, toda a infância, na pobreza, nesta mesma casa. As ansias, que eu mal suspeitava, de meus pais que sofriam, dos irmãos mais velhos, na privação de tudo o que fazia o encanto da mocidade dos outros, dos que se divertiam. E os anos correndo, leves (ainda que de miséria, pesarão eles, moralmente, para as crianças?). Passeios no campo, quando eram compridas as tardes. Cavalgadas de madrugada, (unicos prazeres fortes de então) para o sítio de tio João ou de tia Flora. O jogo dos burricos. Os papagaios, e os peões, e os heles, e os cavalos de pau. Tudo isso distribuído, a espaços, pelo ano inteiro. Fogos pelo S. João. Laranjinhas de cêra pelo entrudo. As culminancias do que me ficou da infância, daquilo que foi realmente festa para o coração de uma criança pobre. Ainda havia o hodoque e os passarinhos. Foram poucos os que o pelote alcançou. Ainda bem. O alçapão, sim, viagido dias inteiros, ao sol, entre as mostardas do quintal, quanta alegria de canários e de pintassilgos aprisionou inconsciente! Com as rôlas, porém, não foi só a prisão. A arapuca, armada no mato grande, rendeu dezenas, que vieram para a prisão maior da casa do cachorro, mas-tim aposentado que não precisava mais da corrente para conter os impetus de quando novo. As rôlas foram assassina-das a sangue frio, para dar ao arroz a primazia na mesa.

Circos de cavallinhos, de vez em quando. Eram dias perdidos, no picadeiro, vendo armar as bancadas. E a inveja até dos peludos, quanto mais dos artistas maiores. Para ganhar a entrada, quanta vez o palhaço foi acompanhado pelas ruas. Ninguém reparava. "Hoje tem espetáculo? — Tem, sim senhor!"

Bailinhos de subscrição, mais tarde. E novenas, em que, passado o tempo de coroinha, começou o martirio procurado do amor. A precocidade deste coração que nasceu para amar e que ainda não amou!

Da escola (já tinha passado por cima dela, tão pouca a lembrança do seu nenhum valor) apenas a penosa impressão de uma grande angustia. Pouco proveito e muito pavor. A gaforinha do Felício, que me levava à força, esmurrado pelos meus punhos de sete anos. A tabua do fundo de um banco foi um dia derubada pelo pé incauto. Mal pregada pelas minhas mãos inhabeis, durou mezes o sobressalto, o medo de que fosse o delíto descoberto. Até que o confessei a meu pai, que contou o caso ao mestre.

(de uma novela inedita)

Ainda assim me valeu uma descompostura. Os livros (oh! os livros, sempre eles!) eram os inimigos. Só mais tarde, já aos quatorze anos (quantos, nessa idade, já tinham preparatorios!) veio um professor que fazia a escola bôa e atracente. Nesse tempo eu fiz um soneto. O Casimiro de Abreu e o amor de minha mãe foram os responsaveis por esse monstro. Terá alguém o jornalco daqui em que êle foi impresso? Se o achar, hei de pô-lo num quadro de gloria e de excarmento... Mas, também, da lingua eu só sabia que a gramatica (o livro) era "a exposição metódica dos fatos da linguagem..." Foi quando luziu um pouco mais a sorte em casa e o Ginásio recebeu a minha timidez invencível e a minha cabal ignorancia.

Durou pouco a saudade da familia, logo depois mudada para a capital. Ficou a nostalgia da terra, que não morreu nunca. Levei pela vida adante a quietação desta paisagem e destas ruas e destas paredes, no fundo do meu sub-consciente. Será por isso que toda gente me julga triste?

O Ginásio... Se criassem uma cadeira especial, destinada a ensinar que as humanidades têm outra finalidade que não a de degrau para a doutorice, tudo iria bem. Mas, não existindo ela, que era de esperar? A pressa de chegar ao fim. E os frangalhos daquilo tudo a embarcar os passos para o conhecimento, quando a consciencia do vazio apontou, já na idade adulta. Então não era mais possível voltar os olhos e refazer o caminho.

O curso de engenharia era o passo decisivo para o encarniçamento do circo maior (Hoje tem espetáculo?). Sem propriedade nenhuma, applica-se ao que se passa nesse circo a expressão da lingua de Darwin — *Struggle for life*, só cabível no terreno dos seus estudos. Luta pela vida não, mas pelo dinheiro, pelo bem estar material. E' isso a vida? Eu gosto, entretanto, de *struggle*. Dá-me a idéia de estrangulamento e define o que eu sinto.

Contudo, do Ginásio ficou a lembrança dos professores que, ao lado da disciplina que ensinavam, abriam horizontes de ideal aos olhos deslumbrados dos alunos. Vinham ao encontro de almas sequiosas dêle. E assim nos preparamos para o resto do caminho os quatro ou cinco amigos que o sonho acorrentou á mesma insatisfação, á mesma fome do espirito.

Da Escola Politécnica, no Rio, guardei a lembrança de alguns mestres de verdade e de meia duzia de colegas que pensavam e sonhavam. Andei sempre buscando no irreal os meus companheiros de jornada.

Depois, foi a vida pratica — uma grande mó que me esfarinhou os nervos e me quebrou as asas que me descuidei de cortar antes. E veio a dualidade da vida mental. O terra-a-terra dos projéctos, dos relatorios, dos orçamentos, dos negocios, com todo o cortejo de competições mesquinhas, e a sofreguidão das leituras, das leituras infundaveis. Livros, livros, livros, que já não eram inimigos. Literatura, ciencia, filosofia, historia, linguas vivas e linguas mortas... Tres ou quatro obras lidas, ás vezes, ao mesmo tempo. Era preciso refazer o perdido. E uma palavra de Miguel Angelo, lida não sei onde, a causticar o torturado, sem culpa, afinal, do que lhe acontecera: "Não ha desgraça maior do que o tempo que se perdeu". Os versos, as obras as realizações artisticas eram para quando a cultura lhes pudesse dar o cunho das criações que ficam. A pena, embotada, só funcionava na *struggle*.

Os poentes e as madrugadas assinalaram com a sua belesa a passagem dos dias, e eu não os vi.

Os anos, com a florescencia maravilhosa dos jardins e dos campos, com a abundancia dos frutos, com a luminosidade dos outonos cismadores, com o recolhimento os invernos longos — passaram, e eu não os vi.

A mulher que me esperava, guardando para o seu esposo o carinho da sua alma pura e a virgindade do seu corpo em flor, passou certamente deante dos meus olhos, e eu não os vi.

Vi somente que a minha alma não podia viver no circo em que se trava a *struggle*. Vi somente que já não podia cantar meus poemas, porque a pena nada mais exprimia, romba e viciada nos chavões do officio. Vi somente que, tendo superalimentado o cerebro, não refiz o perdido, e digeri mal as leituras de afo-gadilho, estafando-me sem remedio.

Agora, quanto a herança de uma fortuna poderia facilitar o rumo da minha vocação, a volta ao ponto de partida, para uma estação de cura... E, aqui, no meu quarto da infancia, enquanto a chuva cai, interminavelmente, e o vento, zunindo pelas frestas da janela, tem recriminações que me arripiam, acho inutil erguer-me da cama, em que não preguei os olhos, para ouvir os estribilhos de minha mãe, que me dizem sempre os mesmos conselhos: "Você precisa casar, meu filho. Isso não dá certo. O que lhe está faltando é uma companheira, a quem você faça as confidencias que eu não mereço ou não posso ouvir".

O balanço da vida. Deve e haver... Fecho os olhos, para não recordar. Será a morte, como o sono, um lago placido em que adormeçam todos os nossos pensamentos?

A chuva. O vento.
Poderia amar ainda?
A chuva é uma confusão de vozes, ao longe...

schmidt

Augusto Frederico Schmidt tomou, na geração moderna, sobretudo figura de personalidade social. O authentic, unico Schmidt está, porém, na sua poesia. "A poesia estabeleceu em mim um equilibrio ignorado, "A poesia cahiu de novo em mim como um raio".

Therapeutica psychoanalytica, essa procura do clima poetico para accomodar-se com a vida. Optima... quando se é capaz de respirar em taes altitudes sem desvairar. Augusto Frederico Schmidt encontrou, naquellas regiões difficeis não somente bons ares, mas o seu proprio mundo interior, de que andava distrahido pela agitação mundana.

Confessou-se, e, dali surdiu um veio limpido de poesia estranhamente séria, dum tragido que é só de Schmidt. O poema "Luciana", por exemplo, tem o accento da contensão grave, ar de extase occulto e gracioso. O espirito desse poema, como o da longa effusão de lyrismo cerebral representada pelo poema *Desaparição da Amada*, é um espirito de não-conformidade com a vida, de desesperada inquietação. A opacidade surda, a luz neutra, a mysteriosa resonancia do ambiente espirital de "Luciana", têm a esquivaça, os ecos apenas a florados, os murmurios sub-entendidos das ondas dissonante da musica moderna... A concisão, o estricto da expressão mais agudamente accusam o subtil dynamismo interior dessa poesia de curioso requinte, tão proxima da cerebralidade que haverá quem não lhe saiba distinguir o intrinseco lyrismo.

Essa tendencia para a violenta estylização implica num encaminhamento (commum a alguns prosadores da geração) para uma especie de classicismo novo. Com maior densidade expressional em uns, com deliberada pobreza de representação sensorial em outros, em todos ha um audacioso, si bem que breve imperio sobre o sentimento. Sujeição a uma disciplina cujas normas ainda são mal entrevistas. No caso de Augusto Frederico Schmidt os symptomas dessa direcção esthetica somem-se, aliás, quando elle empunha o instrumento impetuoso da propheta. O entono apocalypticamente presuppõe uma vehemencia de interesses ideologicos, que, si ausente, sublinha duramente a vacuidade verbalista e a musica por demais sabida.

Assim o caso do poema "Purificação". Esse, revela por forma mais desnortadora ainda os reaes interesses de alma deste estranho Schmidt. O que nelle se nota é uma espantosa capacidade de contricção. Poucos desta mocidade parecem propensos a deslisar para tão temerosos abysmos...

Na sua producção recente, Schmidt já infundiu seiva mais reumante na voluntaria e estricta sobriedade anterior. Abre com mais franqueza intersticios na materia de velludosa opacidade, e deixa a luz filtrar atravez com a discreção prudente de quem sabe o preço da medida e do numero.

m u r i c y

duas canções

I

roxelane

Roxelane seria a princeza das Indias
Ou a neta do sultão Amanulah?

Roxelane era casada com um agente de estação.
Roxelane tinha uma cicatriz no canto da booca.
Roxelane nasceu ouvindo a valsa "Milhões de Arlequim".

Roxelane viveu ouvindo a valsa "Milhões de Arlequim".

Roxelane morreu ouvindo o apito do trem de ferro.
Roxelane morreu de febre puerperal.
E na hora de morrer, morreu tambem sua primeira e unica filha.

II

o fim do mundo

O valle de Josaphat ás 4 horas da tarde
Arderá em febre
Virão princezas montadas em bycicletas
Virão mendigos cavalgando estatuas
Virá o Salvador das fórmias que nasceram tortas
Virá o Operador dos cegos e dos mudos
Virão prostitutas em extase
Virão capitalistas desapontados
Virá Lenine guiado por uma menina de 7 annos
Os sons de um clarim gigante
Farão seccar o oceano
A terra será dobrada
A lua recollida aos pés da Virgem Maria
Verei minha amada delirante
Revestida de um corpo claro incorruptivel
Montada no cavallo da tempestade
Os anjos correrão a cortina do tempo
E face a face com Deus
Serei finalmente decifrado.

MURILLO MENDES.

somnambula

Linhas da memoria que o vento desenrola sobre estradas azues,
Embalado de grande pendulo no vae-vem dos momentos,
Marcha em silencio atravez das chuvas pelo mar:
Eu vejo no mou somno a mutação das côres;
O variegado perpassar dos homens, e das coizas.
Com as mãos ostendidas bemdigo a maré montante de minh'alma
O vento revolve as aguas distantes, as aguas profundas,
Onde agora minha alma canta.
Mas, a noite fecha os horizontes de sangue
E só fica o silencio para sentir...

Bastos Gadca.

A revolução mundial e a responsabilidade do espirito

A crise da historia humana, que antes de 1914 podia ser apenas entrevista por espiritos propheticos, já se avolumou de tal forma que se tornou presente, palpavel a cada ser humano, mesmo os que se acham collocados nas mais baixas esferas sociaes. Todos estão dentro da crise, sentindo os seus monstruosos efeitos, que se manifestam, não sómente no fragoroso desmoronamento de toda a super-estrutura ideologica, ethica, juridica e economica que modelava a physionomia architectonica de nossa civilização, mas tambem na explosão subita, no fôro intimo, de correntes desconhecidas, de força irresistivel, capazes de dismantelar tambem o organismo psychico do homeni. Esse periodo da historia humana avulta como um estado pathologico, deixando vêr em ponto grande os mechanismes secretos, as engrenagens que animavam a furiosa aspiração de dominio da Natureza, que veiu crescendo desde a Renascença. Berdiaeff, impregnado da grande prophécia de Spengler, vê na inquietação moderna o fim de uma cultura, esgotada no seu dynamismo, predizendo a queda fragorosa dessa civilização, e a volta a um estado de interiorização semelhante ao que foi a Idade Media. Ora, a preocupação do destino humano, nesse salto para o desconhecido, é bem justamente uma idéa fixa para os representantes do Espirito. Dessa preocupação dos intellectuaes, que envolve um sentimento de *responsabilidade* e quiza de *culpabilidade*, desde que, no fim de contas, é a intelligencia que promove a longo prazo os movimentos e as transformações sociaes, nasceram os *Entretiens sur l'avenir de l'esprit européen*, organizados em Paris, em Outubro de 1933, sob a presidencia de Paul Valéry. Seria essa uma iniciativa a ser imitada no Brasil, digamos de passagem, si no Brasil isso não se transformasse, desde logo, num centro de reunião politica ou de successo social.

O que nós vamos encontrar, pois, nesses *Entretiens* de Keyserling, agora publicados em livro, é uma angustiosa penetração desse terreno vulcanico em que pisamos, um commovente esforço de comprehensão desses planos catastrophicos que estão a abalar o rythmo da historia, a tentativa perigosa de integrar as forças elementares em revolta.

Coherente com a sua singularissima natureza, Keyserling, embora percebendo que os alicerces da cultura, sobre a qual se fundava o imperio do Espirito, foram irremediavelmente minados pelo que elle denomina as forças "telluricas" faz um voto de acceitação completa dessas visitantes importunas e violentas, abrindo a sua intelligencia e mais do que isso a intimidade mesma do seu ser ás mais contradictorias tendencias que

se degladiam no mundo moderno. Plastico por temperamento e por habito, esse espirito que já foi chamado de proteico não somente é capaz de reviver em si mesmo todas as modalidades das raças e culturas humanas, mas ainda, na provação decisiva diante do mundo que nasce, é sufficientemente amplo, ductil e sem forma para abrigar em si, em cohabitación pacifica, as mais diversas tendencias em que o mundo moderno se debate.

Quando o aspecto exterior do mundo se divide em campos irreductiveis: communismo, fascismo, hitlerismo, nacionalismo, universalismo, Keyserling se installa subrepticamente no Inconsciente social, subtrahindo-se á tyrannia dessas contradicções de superficie, para se pôr em contacto com a direcção unica e indivizivel desse Inconsciente, raiz do mundo que vae nascer. A sua ultima palavra é, pois, uma palavra de optimismo; a destruição dos valores culturaes até hoje vigentes é o inicio de uma nova era e, si durante a transição nós devemos assistir á vida mesma do

chaos "constituído em permanencia, com as suas tenazes leis internas", á supremacia dos *bas-fonds*, á negação total dos valores do Espirito, este deve ser bastante identico a si mesmo para não perder a serenidade e reinstaurar o seu *inevitavel* dominio sobre as forças do instincto. Keyserling considera *inevitavel* a victoria final do Espirito, e procura definir as suas responsabilidades perante a crise mundial, imergindo no escuro processo de elaboração das forças telluricas em revolta, para que elle as impregne por dentro. "Si nós conseguirmos, afirma Keyserling, reorganizar assim a Vida interior de uma minoria muito pouco numerosa, mas de alta qualidade e tão convencida de sua missão quanto os representantes das forças telluricas, a victoria do Espirito é inevitavel".

A sua ultima palavra, coincidindo com René Guenon — é um appello á aristocracia do Espirito. O convite está formulado. Resta a cada um de nós acceital-o, comprehendel-o, cumpril-o.

O que não é facil...

b a r r e t t o f i l h o

Enrique

Bustamante

y

Ballivian



MUSICA FESTA

O Conservatorio do Rio de Janeiro e a Musica de Camera

É indisfarçável a importancia cultural da fundação desse instituto.

Ambiente de grande receptividade musical, como o nosso, está a exigir urgentemente um melhor aproveitamento dessa capacidade.

A pedir alguma disciplina em verdade artistica. As escolas officiaes sao, por força e definição, pouco maleaveis. O espirito de arte, que é um espirito de liberdade, pede seriedade e rigor na aquisição dos elementos da technica, mas não ha refugio á necessidade da formação de atmosfera mais arejada, e de concepção mais rigorosa do que seja arte musical. Musica de *chic*, dote e prenda domestica, eis o que parece ser o desideratum de tanta gente. Em toda parte é assim, mas a proporção entre nos é muito reduzida dos que levam um sentido de ansia de enriquecimento intellectual, de amor á vida em plano mais alto para o que a grande musica proporciona substancioso elemento. O que se tem feito no Rio, em materia de musica de camera, tem sido heroico, mas inevitavelmente precario. Sem apoio na opinião publica, desinteresse geral. Donde falta de estimulo para os longos annos de fervoroso trabalho que permite a homogeneidade e individuação do conjunto, indispensaveis. Como não louvar, e calorosamente, um Barrozo Netto, um Alfredo Gomes, uma Paulina d'Ambrosio, um Orlando Frederico, uma Maria Aurelia de Rezende Martins, um Chiaffitelli, os jovens do Quartetto Brasileiro, pelo muito que realizaram. Verdadeiros milagres.

Daniel Karpilowsky, figura central do Quartetto Guarneri, conjunto de 1.º ordem, que esteve por duas vezes no Municipal, viu aquelle quadro dispersado e truncado pela morte. O interesse pela musica que observou no Rio, determinou-o a tentar uma aclimatação mais estavel da musica de camera aqui. A vida interior não é favorecida pelo *habitat* tropical. O symphonismo e o *bel canto*, bem como o puro virtuosismo lisongeiam nossa exuberancia de gestos, nossa expansividade. Musica de camera é feita de vida interior, fechada, secreta. Mais grave e estricta. Mais difficil, mais inacessivel. Necessita de tempo, applicação inexoravel e amor serio.

Karpilowsky entendeu que só a escola, mas escola livre, menos didactica e mais educativa, seria capaz de crear os valores procurados. Noções solidas de technica e de esthetica, e, ao depois (e é o que falta nas escolas officiaes) um es-

pírito de iniciativa desinteressado. Os musicos profissionaes não têm tempo para isso, e não adquiriram habitos outros que não os de orchestra, em que o sentido de autonomia interpretativa é menos essencial e imperativo do que na musica de camera. É preciso formar, portanto, especialistas em musica de camera, artistas que não aspirem a successos pela virtuosidade esfuante, pelos malabarismos e volteios acrobaticos. Musica de camera é arte de sacrificio e de modestia, porém o prazer que proporciona, grave e transcendente, compensa amplamente.

O Conservatorio do Rio de Janeiro reuniu a Daniel Karpilowsky elementos excellentes: Paulina d'Ambrosio, Frei Pedro Sinzig, Maria Amelia Rezende Martins, Alfredo Gomes, outros ainda, e por fim o grande artista e mestre Tomás Terán. Gente que se reuniu livremente, para prestar serviço, para crear arte e artistas. Proficiencia comprovada; devotamento que a simples installação de um instituto que não visa favores officiaes, nem avultadas inscrições de alumnos (antes a selecção destes) já está comprovando. Ao lado dos cursos, todos de character privado e livre, haverá um club de musica de camera, criação original e de que muito se deve esperar, onde se ouvirá constantemente musica de pequenos conjunctos e musica de camera em geral, onde os socios, até amadores, poderão adestrar-se na execução de conjuncto, e portanto apurar e tornar mais estricto o gosto musical.

Não ha negar-se sympathia a tal emprehendimento e a taes trabalhadores. Temos uma escola de interpretação equivalente ás europeas, será privilegio notavel para o Rio de Janeiro. Que alguns estrangeiros exerçam sua actividade profissional em beneficio do nosso paiz e da nossa cultura, criminoso seria que não lhes reconhecessemos a benemerencia. Mandamos os nossos alumnos laureados á Europa aperfeiçoarem sua arte. Agora, já vai havendo recursos locais para fazel-o. Tanto melhor.

Será bom lembrar que Busoni foi o grande mestre do piano na Allemanha contemporanea, como uma Wanda Landowska (poloneza) e um Philipp (inglez) o são do cravo e do piano, na França de hoje. Valham-nos, esses exemplos (entre tantos) para nos premunir contra possiveis investidas interessadas de jacobinismo inintelligente.

O concerto com que o Conservatorio do Rio de Janeiro se apresentou (Sonatas de piano e violino e o Septuor, de Beethoven) constituiu uma lição fecunda, um nobre estimulo e uma modelar realização. Sob o patrocínio da benemerita

Cultura Musical, admiravelmente dirigida por Rodolpho Josetti, auxiliado pelo Sr. R. Huberger (tambem membro da direcção do Conservatorio, com o Sr. Botelho), Karpilowsky e Maria Amelia Rezende Martins, e depois os Srs. Alfredo Gomes, Duttro, Malamud, Orlando Frederico, Vocco e Leopardi, conseguiram crear uma atmosfera de alta serenidade e de fervor artistico, a que uma execução perfeita accrescentou preço e seducção.

O Conservatorio está confortavelmente installado á rua Pinheiro Machado, 84, longe do bulicio do centro urbano.

Tomás Terán

Tomás Tarán é um completo e superior artista, das mais preciosas aquisições que o meio cultural brasileiro tenha feito. Espanhol, valenciano, temperamento a um tempo severo e vivaz, duma esplendida nervosidade, que uma intelligencia sempre vigilante corrige e dirige, Terán, no Velho Mundo, e em *tournees* pela America, foi o mais constante divulgador da obra illustre do grande Villa-Lobos. Vindo ao Brasil, curioso, annos após, Terán logo se impoz, pela excellencia dos seus principios pedagogicos, pelo irradiante dinamismo de sua personalidade brilhante e pelas suas notabilissimas qualidades de pianista, que levaram Arthur Rubinstein a declarar-o "o maior pianista de Espanha".

O primeiro ensaio de entrevista-perfil, da serie emprehendida por FESTA, tem, no presente numero, por conteudo reminiscencias de deliciosas plectras com esse nobre virtuose.

A 12 de Outubro, ás 21 horas, no Instituto Nacional de Musica, em concerto da Cultura Musical, Terán interpretará Bach, Beethoven, Schumann, Brahms, Chopin, e os seus patricios Albéniz, Granados, Halfter, Blancafort e Mompou.

dois poemas de tagore

I

(The Gardner, LXX)

Estou inquieto. Estou sedento
de cousas distantes...
minha alma parte, em ansia,
para tocar a fimbria da obscura distancia...

O' Grande Além,
ó o agudo appello da tua fruta!

Eu esqueço, eu sempre esqueço
que não tenho azas para voar,
que para sempre estou preso neste lugar.

Estou insomne e ansioso,
sou um estranho numa terra estranha...
Teu halito chega a mim,
a murmurar uma impossivel esperança...
A tua lingua me é tão
familiar ao coração
como a sua propria.

O' Inatingivel,
ó o agudo appello da tua fruta!

Eu esqueço, eu sempre esqueço
que não conheço
o caminho e que não tenho o cavallo de azas...

Estou indifferente...
sou um vagabundo errante
dentro em meu coração...
Na ensolarada cerração
das horas extaticas,
que immensa visão
de Ti
assume forma no azul do céu!

O' Remotissimo Fim,
ó o agudo appello da tua fruta!

Eu esqueço, eu sempre esqueço
que todos os portões estão fechados
nesta casa em que móro solitario!

II

(The Gardner, V)

Relembro um dia dos meus tempos de menino:
larguei a fluctuar
um barco de papel na agua de um fôso...
Era no mês de Julho, era um dia chuvoso;
eu estava sózinho e era feliz
com o meu brinquedo... Sobre o fôso eu fiz
o meu barquinho de papel boiar...

Subito, as nuvens carregadas
da tormenta
se adensaram; os ventos, em rajadas,
assopraram, e a chuva, em bátegas, tombou.
arremetteram e engrossaram a corrente,
Jorros de agua barrenta
arremetteram e engrossaram a corrente,
e o meu barquinho de papel lá se afundou...

Pensei commigo amargamente
que a tempestade viéra expressamente
para destruir minha felicidade:
era bem contra mim toda a sua maldade.

Aquelle dia nublado
de Julho já vac hoje bem distante...
e tenho muitas vezes meditado
em todos os brinquedos desta vida em que eu
fui sempre quem perdeu...
Culpava o meu destino
dos desenganos todos que me deu,
quando subitamente me lembrou
o barco de papel que ao fôso se afundou...

a b g a r r e n a u l t

Uma visão nova da "Cidade de Ouro"

C i n e l a n d i a



a esculptura de victor brecheret

Para Tourgueneff sómente a esculptura, entre as artes, nos dá a idéa da immortalidade, sendo fria, impassível e grandiosa.

"A pintura, dizia elle, tem muito sangue, muita cor, muito peccado. Pintam-se mulheres nuas, uma estatua jamais o será".

V. Brecheret realiza tal concepção de arte. Não se dirá que elle seja de um espiritualismo radical, um Ruysbroeck o admirável, mas a noção de pureza espiritual predomina em sua arte. O bello ideal de Platão, christianizado nos symbolos em que o artista objectiva a sua inspiração, reflecte-se com "esplendor" na sua esthetica. Se ha volupia na dor, para almas como a de um Cruz e Souza: "Vô como a dor te transcendentaliza", nas estatuas de Brecheret sentimos uma volupia da cidade, mas natural, sem qualquer proposito para denunciá-la, e de que o artista impregna integralmente a obra realizadora, como da expressão nos esculptores gregos dizia Lévêque: "...ils répandaient l'âme dans tout le corps". Exemplo typico é a estatua *Repouso*; nú feminino em marmore, da exposição na E. de Bellas Artes. Modelado de esmerada fineza artistica, leva-nos imperiosamente ás transcendencias da poesia pura, no mesmo motivo em que os anslados da forma escultorica marcam, em geral, a sua obra com o estigma da sensualidade.

Em trabalhos outros, nessa exposição, a idéa é de suggestão religiosa e, portanto, já por si de pureza: *A Virgem*, marmore; *Fuga para o Egypto*, em dois exemplares, bronze polido. Aquella, de pé, com o filho no hombro e tendo unicamente na cabeça a nitidez da figura humana. O corpo é apenas uma fórma que se ergue maciça e hieratica, participando mais da inspiração egypcia que da arte christã. *Fuga para o Egypto* são dois grupos luminosos pela intensa delicadeza de construcção e pelo aspecto de projecção solar que lhes dá o bronze polido. *Pendant á Virgem* temos o grupo *Mãe*, talhado em marmore. Formas igualmente veladas, com mais movimento; e como signo da virtude maternal, divina castidade das mães, tem os seios cobertos até mais de meio.

A fonte da vida claramente accentuada, mas occulta á curiosidade profanadora. "Brecheret é'écoute que les plus pures intentions de sa sensibilité", declara o critico Mauria Raynal. E' certo, e de uma sensibilidade que o afasta das raías communs da natureza, fazendo-o filtrar as suas impressões em cadinhos muito subjectivos, e por isso muito pessoas. Naturalmente, sem achar, como B. Croce, que a natureza é muda se o artista não a faz falar, elle, ao contrario dos esculptores gothicos, no XII século, creadores de novo estylo pela reproducção directa da natureza, toma das fórmas naturais o preciso para caracterisar o seu typo de representação, mas sentindo-o de modo ideal, por uma visão que parece vir de atavismos orientaes com escalas por Athenas, a antiga, até o impressionismo de nosso tempo. A physionomia feminina das estatuas expostas, sem excepção, têm um facies asiatico; e a do

grupo do Musée du Jeu de Pomme, em estampa no catalogo, obedece ao mesmo cunho.

A arte de Brecheret nasce de uma alma antiga christianizada em ritmos de alta poesia e que talvez se tenha chocado diante o materialismo do século em que o acompanha na vida, e reflue sobre si mesma para surgir, planta sequiosa de sol, na synthese empolgante desses marmores e bronzes. E a sua arte é das que levam ao sonho, como queria Simart. E não é que Brecheret deixe de ser bem humano e a sensualidade não roce por elle azas macias, de penugem somente. O bronze polido *Dansarina* é um jogo de linhas e volume em ousado geometrismo a que a luz "agindo brutalmente", na phrase do critico, sobre o metal, desvia a idéa de volupia que a nudez e a

posição da estatua poderiam impor; desvia não; entretanto, pela atmosphaera das outras obras, mas pela belleza estranha de que, então, esta se reveste. Em outro marmore, *Adolescent*, a transpirar ingenuidade, nú feminino de formas nitidas e elegantes, enquanto os olhos se enlevam no casal de pombos que a não ampara sobre o hombro direito, o braço esquerdo alonga-se até a saia descida e apinhada abaixo dos joelhos. E' uma nota graciosa de vida naquelle amanhecer da idade. Outro grupo, este em granito, de estrutura forte e rustica. Sem a nudez de bella anatomia e o gesto mais ou menos convencional de *Le Baiser*, o marmore de Rodin; nem a attitude asperamente sensual de *Le Printemps*, do mesmo estatuario, e cujo motivo é identico; este grupo de Brecheret lembra, pela construcção, alguma coisa do grande esculptor. E' porem um beijo singelamente amoroso, apenas "o encontro ideal de duas vidas", em boa harmonia com a pureza ambiente das obras do nosso estatuario. Torso, em marmore, hora a technica anatomica e escultorica do mestre, e deveria ficar entre as obras congeneres da E. N. de Bellas Artes, ainda ha pouco enriquecida com o vigoroso torso offertado pelo Presidente argentino.

Dois retratos em marmore polido (*Stas. Mindlin* e *Romeo*) captivam-nos a attenção.

Plena Grecia antiga tocada pela sensibilidade moderna de um poeta do escopro. Belleza pura de linhas, de modelado, de conjuncto, num só accorde com a branca poesia do marmore. Além, o busto de Felipe de Oliveira tem o seu elogio em não destoar daquelle circulo de esthesia; e *Mãe India*, cabeça de expressão admiravel, talhada em moldes diferentes. *Mulher e guitarra* e *Tocadora de harpa*, em singular movimento de volumes, provocando a cooperação da luz para os effectos do modelado, no bronze e no marmore, são, como os demais, trabalhos de raro valor. Finalmente, *As Três Graças*, materializam no bronze rigorosamente a noção da synthese, a concentração da fórma. Se augmentado fosse o grupo em sentido vertical daria uma das estatuas columnas das velhas cathedraes, tão chegadas se encontram entre si as suas figuras. Essa a aristocratica impressão que tivemos da soberba galeria escultorica de V. Brecheret. Pensamento o emoção irmanados num alto espiritualismo, em funcção da Belleza. Está muito em nossas cordas tal concepção de arte; mas, outra fosse a directriz do nosso pendôr esthetico, e deveriamos de igual modo exaltar o artista e o poeta surprehendentes que ha em Brecheret. O campo de acção, escolas, estylo, fórmulas, em que age o creador de belleza, é sempre questão de segundô plano; o que importa é saber se dentro dos elementos tomados e da orientação que se traçou elle tem genio e força interior capazes de dar ao mundo uma sensação nova e dominadora. Na supermaçia do espirito humano sobre todas as grandezas da vida, nada é tão individual como a expressão artistica, nem mais elevado.

edições novas

Livraria Catholica—(Rio)

P. Paulo Lecourieux — A PROVIDENCIA DE MARIA — Theologia — 1.º vol. da "Biblioteca de Cultura Catholica" — 232 pgs.

Padre Schryvers — O DOM DE SI — Mystica — 2.º vol. da "A. C. C." — 232 paginas.

Padre J. Cabral — JESÚS-CHRISTO — Rel dos Reis — Apologetica — 3.º vol. da B. B. C. — 230 pgs.

Jonathas Serrano — DEUS O QUER! — Pedagogia — 4.º vol. da "B. B. C." — 230 paginas.

Alberto Lamego Filho — A PLANICIE DO SOLAR E DA SENZALA — Geologia, geographia. Ethnologia. Historia — "Bib. Brasileira" — 196 pgs.

Jacques Raimundo — VOCABULARIOS INDIGENAS DE VENEZUELA — "Bib. Brasilia" — Linguistica — 120 pgs.

Compania de Impressões e Publicidade—(Lima Perú)

Mariano Iberico — LA UNIDAD DIVIDIDA — Ensaio sobre Pascal, Dostoyewsky e Uwamuno. — "Biblioteca Perú actual" — 140 paginas.

Victor Andrés Belaunde — MEDITACIONES PERUANAS — Estudo politico-religioso — 160 pgs.

Editora Cruzeiro do Sul—(Rio)

Jorge de Lima — O ANJO — romance — Illustrações de Santa Rosa — 156 pgs.

Alba Editora—(Rio)

Afonso Varzea — LIMITES MERIDIONALES — As fronteiras com o Uruguay a Argentina e o Paraguay do ponto de vista da geographia social — 220 pgs.

Afonso Varzea — O ESTADO SOCIALISTA DO PACIFICO — Estudo sobre a civilização incaica — 280 pgs.

poema da barca nova

O berço dos pequeninos
que oscilla em tempos eguaes,
é uma chalupa toda em bandeira florida;
as estrellas ingenuas
são até seus phanaes.
E' a arca-de-Noé! Bichos, côres, brinquedos...
Junto della as mães cantam
com uma voz que faz nascer um arco-iris no ar:

"Vamos vêr a barca nova
que do céu cahio no mar..."

Vem do alto e vem de longe
essa barquinha leve que mal chega a oscillar:
de um mar de ondas de aroma onde o vento lava
a alma,
de um mar...
que se chega até o porto sem siquer accordar...

"Vamos vêr a barca nova
que do céu cahio no mar".

Velas de azas para o sonho!
Força e chamma para a gloria,
remos de ouro para o amôr!
A onda é alegre de joias;
e quando a marinha é jovem
a barca ostenta ao mastro estandartes de sol.
Silencio.
A onda floresce em seu rastro solar.

"Vamos vêr a barca nova
vamos vêr a barca nova
que do céu cahio no mar".

E se o azul se encher de ondas turvas de sombra
de geada
de febre...
se guaiarem pinguins de "ice-berg" polar,
se em grande torvelinho o remoinho
espumar —
Não sossobra essa barca:
saltará num tremor, saltará deo em deo,
até que, a um salto louco —

vamos vêr a barca nova
que do mar... cahio no céu.

MURILLO ARAUJO.

libertinage

L'hymne qui monte du gosier de la pluie
s'égare sous les doigts de Sainte Cécile.
Mon dé verse de nouvelles causes
dans la plénitude hasardeuse de Dieu.
Ainsi que l'amour est fait de toutes couleurs
et l'absence est pâle comme le dos des mains.
Jette la question par-dessus la croix
petit chaperon rouge de mes attitudes.
Gare aux anges gardiens de la paix
qui t'apprendraient la route de l'écart.
Et tu saurais te rendre heureuse dans tes draps.

A. D. TAVARES BASTOS.

serenata

— Cidade longinqua como um aquario luminoso...
Tardes longas vadias nos cafés barulhentos
do momento familiar na livraria quotidiana
onde trabalha a menina magra de olhos escuros
Tardes longas vadias com o poeta lyrico
que comparava o cigarro na mão com uma flor...

E as noites mornas dos bars esquecidos
quando as palavras caiam pesadas dos candela
bros
como sonhos...
Tu não falavas.
Os outros contavam historias de sua vida.
A's vezes levavas o copo aos labios
a mão serena
triste...

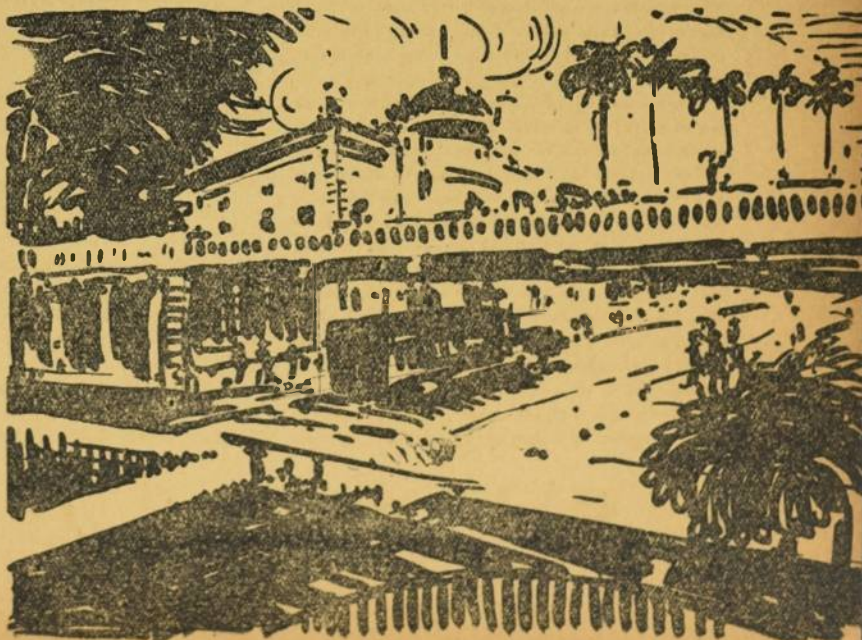
Vento tremulo de Março na onda inquieta do mar...
E os teus cavallos de ouro, poeta, das viagens sem
termo
e o teu coração mais leve que uma madrugada?

Cada passo na rua morta é revelação.
Vou com os bebados e os suicidas
com os que se perderam
para sempre...
Vida fluctuante
Vida longinqua como um aquario luminoso...

EGYDIO SQUEFF.

Outra visão carioca

M A N I G U E



lytton strachey

O famoso biographo inglês da Rainha Victoria, desaparecido no começo de 1932, teve o seu nome estampado, em 1933, na capa de dois livros: o ensaio, sobre elle, de Clifford Bower-Shore, prefaciado pelo critico R. L. Megroz (*The Fen Series*) e o livro postumo "Characters and Commentaries" (*Chatto & Windus*).

A obra de Bower-Shore condensa em menos de cem paginas um estudo critico muito lucido sobre o estilo, o methodo, a ironia e o agudissimo *insight* que valeram a Strachey o epitheto, que Aldous Huxley lhe applicou, de

maleita

O eplaudio da creação da cidade de Pirapóra, ás margens do Rio S. Francisco, teve no Sr. Lucio Cardoso um narrador palpitante, despretençoso, sem intenções de construir propriamente um romance, mas de evocar, num estrequecimento poetico, scenas que o tocaram profundamente. Esse livro é um desses productos que a memoria deposita já feltos, expellidos dessa massa indistincta que o esquecimento vae nivelando. São resultados de cristalizações inconscientes, que o Autor recebe de dentro de si já fabricados, e conservando, como tal, toda a vaga poesia das cousas evocadas, como tambem a sua imprecisão, o seu esbatimento. Atmosphera de sonho, figuras que se movem com uma realidade ambigua, porém tocante e pungente, um ambiente de natureza enigmatica, cheia de intenções e de perigos, a sensação do mysterio, o gosto do extranho, tudo isso, num amalgama apressado, faz o interesse, e ao mesmo tempo, a deficiencia desse livro. Mas é um nome a ser lembrado o de seu Autor. Tem um alto senso poetico e tragico, amplitude de ambiente emocional. As paginas em que descreve a epidemia de varíola, e a luta heroica do homem que fez nascer a cidade para salvar a população, são palpitantes, verdadeiras, e tanto mais impressionantes quanto descrevem uma realidade extranha, que parece estar acontecendo em regiões do centro da Africa. Sem que nos faça esquecer, todavia, que aquillo é Brasil, um Brasil monstruoso, inedito, mas ainda reconhecivel. O livro devia ter parado nesse eplaudio. E' bastante forte e realizado para admittir depois delle o final descolorido que se segue. A figura do homem que faz a cidade fica dotada de attributos immensos de heroísmo, de energia, de força de alma. Sentimos que se derrama dentro de nós um amor por tudo aquillo, pela região abandonada, pelos mestiços traçoelros, ebrros, sensuaes, mergulhados numa ignorancia de brutos. Vem de tudo uma poesia contagiosa. Temos vontade de ir a Pirapora, de conhecer sertões, florestas, e rios, e nos faz lembrar, por associação affectiva, a grande arte de Conrad, ou mesmo entre nós, desse colorido e brilhante João de Minas, creador de umas magnificas historias nos centros dos sertões de Goyaz.

Barreto.

Voltaire do seculo XX. Precede esse estudo uma "miniatura", que é, antes, uma synthese psychologica muito curiosa do grande biographo: "Alto porte, a barba ruiva. Mãos delicadas. Voz branda e mansa, tocada de travesso satanismo. Olhos sardonicos, lampejando um mystico brilho. Calma olympica. Andar majestoso. Pessoalmente obscuro. Publicamente conhecido. Enigmatico. Um genio. Um homem. Lytton Strachey". Esse portico denuncia um enthusiasmo evidentemente excessivo pelo biographo maligno do Dr. Arnold. Como quer que seja, porém, o ensaio de Bower-Shore ajuda muito a comprehender certas subtilzas de Strachey que só uma leitura muito cuidadosa poderá revelar a quem não esteja familiarizado com o seu processo.

Com o "Characters and Commentaries" encerrou-se, definitivamente, o pequeno cyclo bibliographico de Strachey. A exemplo do "Book and Characters" (1922), esse livro postumo enfeixa artigos e ensaios de varias épocas, até então esparços, na imprensa, e dois ineditos. Um destes remonta a 1905. E' um solido estudo sobre os principaes epistolographos britannicos, desde os elizabetheanos até Charles Lamb, com o qual Strachey correu, em Cambridge, naquelle anno, ao *La Bas Prize*. O outro inedito é um ensaio inacabado sobre Othello que a morte não lhe permittiu concluir. Strachey planejára fazer uma serie de ensaios sobre as peças de Shakespeare. Póde-se avaliar, por esse fragmento, o que seria a obra planejada. O mais antigo dos artigos, agora reunidos, data de 1903, o mais recente, de 1928. Dentre tudo sobre Pope, lido em 1905 ("Leslie Steesses trabalhos sobreleva um importante esphens Lecture")...

Como se vê, "Characters and Commentaries" permite-nos acompanhar o desenvolvimento do estilo de Strachey através de um largo periodo de vinte e cinco annos e revelanos, mais que qualquer outro livro delle, a universalidade do seu grande espirito, mostrando-nos, principalmente, como eram accentuadas as suas preferencias por aquella "curiosa e fascinante região, a França do seculo XVIII", de que fala, com tanto enterrescimento, em "Books and Characters". Strachey era um espirito fundamentalmente gaulez. A sua pequena e admiravel historia de literatura franceza ("Landmarks in French Literature") é um attestado eloquentissimo disto.

E' facil comprehender porque veu elle a tornar-se, na phrase de Edmund Gosse, "o expoente do extravagante romantismo contra os "leaders" da era victoriana". A revisão quasi radical de valores em que importa a sua apreciação de alguns victorianos eminentes, arrancou o chinó a muitos idolos da respeitabilidade britannica. Os "reviewers" tradicionalistas não lhe perdoarão jámais essa irreverencia. E vendo repontar, em "Characters and Commentaries" o sardonico e subtil iconoclasta de seus bonzos venera-

vais, atacaram-no de rijo. Effectivamente, encontra-se nesse livro um dos ramos de urtiga mais ásperos com que elle terá roçado a pelle aos victorianos. Refiro-me ao artigo sobre Matthew Arnold ("A Victorian Critic"), estampado, em 1916, no "The New Statesman". Era muito divertido o conceito em que Strachey tinha esse austero inspector escolar, cujo estudo sobre Keats tanto nos indispõe contra o seu rigido formalismo. Basta citar a parte final do artigo, até porque não haveria espaço para mais: "E', certamente, um caso curioso e instructivo, o de Mathew Arnold. Ninguém suppunha que elle fósse um nescio. Pelo contrario, a sua intelligencia estava acima da média. Elle escrevia com lucidez e tratava os seus assumptos com extraordinario cuidado. Desgraçadamente, porém, elle errára a sua vocação. Si o tivesse escolhido, poderia, sem duvida, ter feito algum excellente e exaustivo trabalho sobre o movimento das geleiras ou a fertilização das plantas. Poderia ter sido um soffrivel collector num alto districto das Indias. Mas, não; elle queria ser critico". Outra personalidade victoriana evocada em "Characters and Commentaries": é Disraeli, a proposito de uma obra de G. E. Burke sobre esse astuto politico, que Strachey se diverte em alisar a possêlo, applicando-lhe um adjectivo pittoresco: "the efflorescent Dizzy".

hörderlin louco

A intuição maravilhosa de Hölderlin louco:

"As linhas da vida são tão diferentes quanto os caminhos da montanha. Aquillo que somos, Deus poderá completá-lo, No além da vida, Pela harmonia, o eterno e a paz..."

A intuição maravilhosa, — nesse grêgo da Allemanha, depois que enlouqueceu, — da beatitude celeste. Os termos que elle emprega são tão precisos e justos, nos dois versos gryphados, que se diria resumirem, numa synthese lucida, o ensinamento dos Doutores sobre a contemplação eterna.

"Aquillo que somos", e não uma realidade differente. Mas que Deus completará pela perfeição, pela eternidade e pela paz. Hölderlin, são de espirito, procurava o divino no homem, sem encontrá-lo.

Hörderlin louco pode exprimir um pouco da verdade infinita. Como que, na loucura, o poeta, cuja inspiração se alimentava dos grandes tragicos da Hêllade, cedeu o lugar ao homem de soffrimento, em cuja alma se condensavam quasi dois milennos de pensamento christão.

Ou, antes: em cujo subconsciente se condensavam quasi dois milennos do desejo christão de Deus.

TASSO.

e u g e n i o g o m e s

meia hora com terán

Quando cheguei, Brasília Itiberé perguntava, com despreocupação intencional:

— Quando nos dará um recital exclusivamente "moderno", Terán?

— Não sei. Talvez nem dê nenhum. Os programmas são necessariamente estereotipados. E' preciso dosar com cuidado as drogas que o organismo desconhece, ou os alimentos inhabituaes. Não é possível vatapá todos os dias...

— Que brasileiro está você!...

— Sei muitas outras coisas brasileiras... Mas, creia-me, os "velhos", além de serem gente effectivamente boa, estão integrados na nossa vida. As peças estudadas há muito tempo são ellees companheiros. Você censura o veterano pianista que não abandona a sua perenne "Rhapsodia", ou as suas paraphrases das valsas de Strauss ou do "Rigoletto". Você tem razão mas elle também. Vinte, trinta annos de successo, de fazer delirar o publico com aquellas elocubrações acabam por arraigal-as na predilecção do artista, que lhes é, por força, gratissimo. Coisa muito humana.

— Mas, assim, nunca se tomaria conhecimento com os "novos"!...

Interrompi-me:

— Que é aquillo?

— Aquillo é um trabalho de Tomás. Não lhe agrada?

E a senhora Terán sorri, entre divertida e discretamente lisonjeada.

— Foi você, Terán?

— Sim. E' um boneco barroco.

Melhor diria: primitivo. Uma estatueta de fetiche dos Mares do Sul ou do coração da Africa. Estylisadissima. Um "grotesco" delicioso.

— E joalheiro! Não imagina!

— Preciso sempre duma mania qualquer. Seja qual fór: photographia ou cinzel. Mas o plano me apraz sempre, também. Não canto.

Toda musica interessa o irrequieto Terán. Musico, antes de tudo, e essencialmente artista. Artista, no caso de Terán, quer dizer o homem intelto. A polarização se faz em torno da musica, mas quanta zona de curiosa coloração se vislumbra no espirito desse valenciano vivissimo!

Na parede, um magistral retrato, do espanhol Roca, apresenta um Terán summario, essencial. Na physionomia serena, mas um tanto fechada, affloram certos reflexos secretos de complexa subconsciencia.

Madame Terán, serenissima, faz repousar, equilibra o bulcio que Terán põe em tudo que o rodeia.

Bráziilo Itiberé insiste:

— E' preciso forçar o publico: fazer preponderar o "moderno", para que cesse o eterno anachronismo de sentirmos, ainda hoje, musicalmente, só com a gente de há 100 annos. Você, que...

— Espere! E' isso! Está claro! Mas veja você. Eu mesmo fui um criminoso, cumplice dos ingenuos que quizeram impor a musica moderna á força. Imagine um bom senhor, pessoa bem intencionada, a quem a esposa convidada, ao fim de um dia de trabalho, enfadonho, para ir a um concerto: "Muito bem! Vamos! Que é?" "O grande pianista..." "Vamos!" Lá vão. A musica irá refrescar o tédio

de mediocridade da vida daquelle buen señor. Alegra-se com a perspectiva de umas horas "melodiosas", e de facil ingestão. Chega. Abanca-se e espera. Chega um senhor de cara amoaçadora. Olha para o buen señor e diz comsigo mesmo, ferozmente: "Vaes levar na cabeça! Has de ver o quo é bom! Você acha idiota a musica moderna? Já vae ver!" Senta-se ao piano com formidavel dignidade offendida. E attra bellicosamente ao inerto ouvinte farpas de Satie, de Auripa, esgalhos espinhosos de Schymanowsky, painas acidas de Ravel, os mais terriveis Villa-Lobos. De começo, o buen señor fica estatelado. Depois recolhe-se a uma indifferença de cimento armado. A' sahida, percebe que não lhe tinham permittido o repouso merecido. Não volta.

...Fui desses. Todos nós, modernos, passamos por essa phase. Só o pão fresco nos interessava. Só valla a pena vir a publico para executar as obras mais recentes, sem escolha, sem estudo previo, a trouxe-mouxe. O "moderno", o "moderno"!...

— E' preciso geito.

— Decerto! Alguma coisa, do bom, aqui e ali. O "moderno" chega sempre atrazado, mas chega. Paciencia!

— Todos os criticos europeus assignalavam que você tocava muito Villa-Lobos. Por que?

— "Porque me gustava, e porque le gustava, al publico". As "Citandas", o "Chóros 8, Alma Brasileira", sempre interessaram seriamente. O exotismo, a directa humanidade daquellas peças agradava.

— Poucos brasileiros acreditarão nisso. Para muita gente a pretensa "chuilce" dos motivos incompatibiliza com os planos da grande arte...

— Ora!...

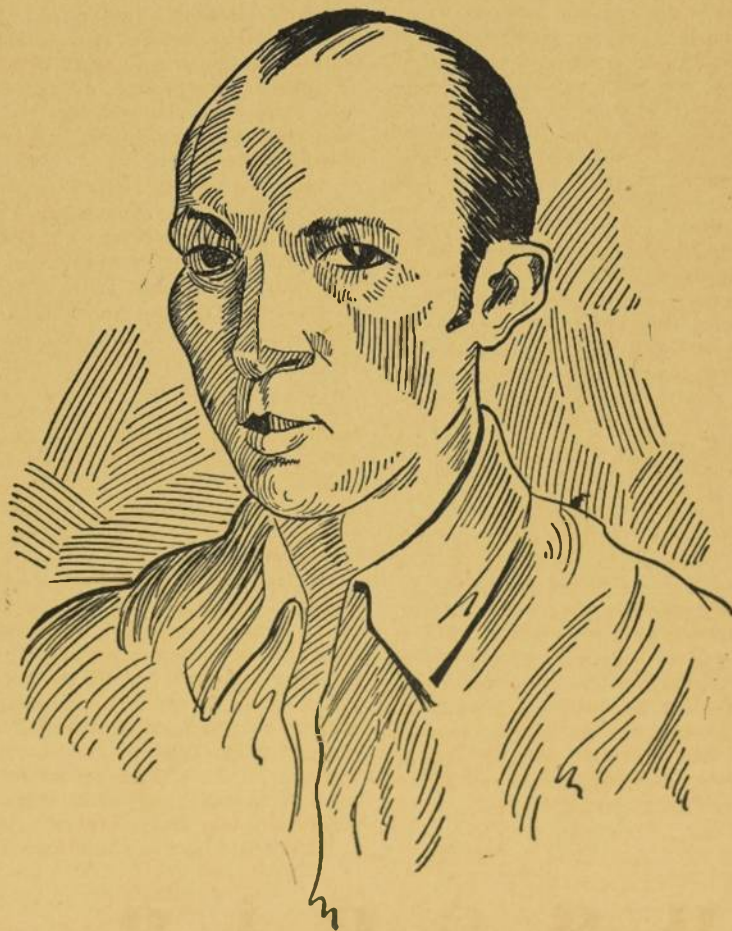
E Terán vai para o piano. Toca "Legenda do caboclo", toca "Chóros 5". Maravilha de propriedade, na interpretação. Uma largueza quasi tragica de ambiente: a grandeza perdida do Brasil! O lyrismo pungente.

O Terán de há pouco, chispante, a verve penetrante, a alegria saudavel pareceram estanciar. Não, porém: reaflluíram, condensaram-se na gravidade da presença da obra-prima. Terán estava severamente transfigurado, sem vestigio de theatralidade, com a naturalidade intelirca dum espirito consciente que dispõe dum esplendido instrumento sensorial.

Cessou, e lembrou-se:

— O piano novo do Instituto! Magnifico. E' um optimo Steinway. O som já preparado, lindo. Mas que caro: ... contos. Terrivel, não é? Como se póde tocar num piano tão caro?

(Continúa na pag. 16)



enrique bustamente y ballivian

As nações mantêm junto dos governos custosas embalhadas ornamentaes, nem sempre inúteis, muitas vezes verdadeiramente efficazes, isso, porém por motivos e processos bastante differentes daquelles que os governos prevêm e determinam. Um poeta como Alfonso Reyes vale *realmente* por uma embaixada, tal como em tempos de antanho se concebia tal encargo. Intercambio entre os povos propriamente ditos é coisa inexequivel, por outro lado, basta, para isso, a universal publicidade destes tempos. Entre as élites: é o que importa. E nenhum vehiculo mais proprio do que os fluidos sympathicos da vida intellectual.

Enrique Bustamente y Ballivian, poeta, peruano, velu para o Rio de Janeiro na qualidade de secretario de legação. Mais de um anno, procurou elle tomar contacto com a intellectualidade brasileira. Em vão! No mundo official nenhuma indicação lhe foi dada que lhe abrisse horizontes para regiões que não as academicas. A imprensa, disse elle, fornecia-lhe materia insufficientemente representativa de quaesquer tendencias novas no mundo das letras. Para melhor nos comprehender, appellou para a historia litteraria: leu Sylvio Romero e Verissimo. Ansiando por ambientes de maior contemporaneidade, leu Nestor Victor, e algumas obras de critica moderna. Isso o encaminhou para a nova litteratura brasileira, e com ella teve comprazimento, e nella encontrou aspirações que lhe eram affins.

Enrique Bustamente y Ballivian iniciou o seu desinteressado trabalho de divulgação da litteratura brasileira publicando um volume *Poetas Brasileiros*, extensa e intelligente anthologia da poesia brasileira desde o periodo romantico, annotada com acerto e agudeza. Não correspondeu nosso publico a tal prova de affeição. A critica desinteressou-se... e Osorio Duque-Estrada foi duma total indelicadeza, rebuscando minuciosamente divergencias de interpretação dos textos, incriminando-as por "erros".

De volta ao Perú, Ballivian publicou obra ainda mais significativa. Certa vez, recebemos o principesco presente: "*9 Poetas Nuevos del Brasil*", Imprensa Minerva. — Sagástegni 669 — Lima. (66 pgs.) Reunia traducções excellentes de poemas de nove poetas de vanguarda, os seguintes: Guillermo de Almeida, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Gilka Machado, Cecilia Meirelles, Murillo Araujo, Ribelo Couto, Tasso da Silveira. Ao todo 49 poemas, precedidos de magnifica nota preliminar, representando um excellentes esboço de um panorama da nova poesia brasileira.

Festa sente-se no dever de prestar excellenciaes homenagens ao insigne estrangeiro amigo. Dever que coincide com o prazer gratissimo de expressar sentimentos profundos de cordialidade intellectual e de affecto pessoal de muitos dos novos do Brasil. Publica hoje uma traducção, imperfeita, da Nota Preliminar de "*9 Poetas Nuevos del Brasil*".

E não ficará nisso.

a p a z

Um facto concreto, a paz de Leticia, entre o Perú e a Colombia, é o maior acontecimento americano destes dias, e de consideravel repercussão nos grandes centros europeus onde os responsaveis pelo destino do velho continente apresuram-se em escorar a duvidosa tranquillidade das nações, apezar da Liga, tão nobremente criada por Wilson. A paz de Leticia talvez chame á razão a Bolivia e o Paraguay, como um jorro de sol nesse encarnicamento fraticida que ha de fazer calafrios á sombra formidavel de Bolivar. Cuba tambem festeja a abolição da *Emenda Plat*, que assegura a independencia. E' mais um estímulo, sendo uma conquista placida, á vida harmonica da America latina. A paz de Leticia, combinada no Rio de Janeiro, a esforços da chancellaria brasileira, com Afranio de Mello Franco á frente, e os plenipotenciarios do Perú e da Bolivia, chefiados pelo notavel diplomata Dr. Victor Maurtua, vale por uma resurreição de animo para nós brasileiros, de tanta magnitude moral se reveste ella.

Não podia ser consagrada com maior eloquencia, a directriz que sempre norteou o Brasil na sua politica internacional. Perú e Colombia têm agora um gesto á altura do excelso acontecimento, propondo uma acção conjunta para que seja apresentado o nome do ex-chanceler Afranio de Mello Franco á candidatura do premio Nobel da paz.

A mesma fidalguia de sentimento e alta clarividencia de espirito que levou, pelos seus governos, os dois heroicos paizes ao pacto do Rio de Janeiro, exurgem limpidos nessa proposta, que é como um selo maior de confraternidade entre elles e o Brasil, em portentosa irradiação moral por toda a America. Admirando a nobreza e o desprendimento que resaltam dessa attitude das patrias de Victor Belaunde, o forte orador e merito publicista peruano, e de Guilherme Valencia, o grande poeta da Colombia, aqui homenageados pela Academia de Letras a 30 de Maio ultimo, em honra ao valor pessoal de tão cultos e vibrantes espiritos e á alma e intelligencia dos paizes que tanto illustram, a nós brasileiros, pondo modestias de parte, cabe o orgulho legitimo de vermos no homem sobre quem se focalizou tamanha glorificação um exemplar sem jaça de virtudes mestras do nosso povo, pela cultura rara e pela serena e rigida estatura moral que tem alcandorado a sua personalidade no paiz e além fronteiras a America e na Europa.

A figura ascetica do Dr. Afranio de Mello Franco, em quem o aspecto bondoso acompanha o rictus severo do homem publico, parece foi predestinada para a fascinante relevancia de um feito como o pacto de Leticia em que, na amizade de duas nações, se exalta o coração de toda a America do Sul, porque nelle convergem qualidades superiores de estadista, a prova provada em postos culminantes.

chopin, por guy de pourtalès

A livraria "Cultura Brasileira" acaba de dar-nos excellent traducción de Chopin, de Guy de Pourtalès.

A vulgarização é coisa muito perigosa. Tem creado mythos deprimentes, conduzido a tradição por caminhos desapraziveis, afeiado as grandes obras debaixo de pormenores grotescos. Assim, nada mais deploravel do que os amadores de musica julgarem-se armados de boa "cultura" após terem absorvido quantidades alarmantes de agua-de-flor-de-laranja biographica dos musicos mais celebres. Fica, por esse modo, estendida sobre a verdadeira materia de cultura musical uma rede frouxa de preguiça mental e de inutilidade anecdotica. Evidentemente, a "legenda" é elemento de alta importancia para a formação da tradição. Elemento de grande poesia. Ella prescinde, porém, de anecdotario pittoresco e mludo, dos condimentos de trivial sentimentalismo. Beethoven, meu Deus!, que resta hoje do Beethoven que effectivamente creou a "Nona Symphonia"? Anda por ahí uma pobre figura contorcida, espectacular, autora de sonatas "ao luar", e "appassionatas", ouvindo o "Destino bater-lhe á porta", e mais ficções romancescas.

Chopin tem sido mais poupado, apezar de victima, por puro mal entendido, da predilecção de todos os auditorios femininos. Não o envolveram em indumentaria de falso genio, ou de semi-deus. Não fôra a terrivel mania de interpretar as suas creações com excesso de morbidez, tornando Chopin escravo eterno da doença de que devera se ter libertado, com a morte... Vida sem acontecimentos e sem attitudes. Recolhida, apezar da gloria. Discreta, apezar da immensa irradiação do seu prestigio, de virtuose e de compositor.

A biographia de Guy de Pourtalès é excellent. Nada de "vulgarização". Obra de commovida evocação, sem apparatus de erudicção, sem excessiva exegese da obra: apenas, o sufficiente para que vida e obra mutuamente se illuminem. Deliciosamente ambientada por um novellista authentic, sentida por uma sensibilidade finamente musical. Nenhum amor ao effeito. Bem digna do biographado.

canto da noite

(Por Augusto Frederico Schmidt)

O autor de *Passaro Cego* e de *Navio Perdido* publicou, agora, *CANTO DA NOITE*, vasto poema de vida subjectiva, em que as suas virtudes de contensão expressional e de densidade de substancia poetica, tão singulares nesta hora de experimentações a *outrance*, apparecem com admiravel vigor, em realizações de clara belleza. Em verdade, das melhores obras da nova poesia brasileira, com indicios muito affirmativos de capacidade de perduração. No livro, algumas notas repetidas em excesso não empanam o brilho mate, translucido, macio, de poemas dignos de longa memoria, em sua finura um pouco fechada e em sua penetrante naturalidade.

o pensamento e a morte na poesia de anthero de quental

A POESIA de Anthero é sem duvida daquella essencia eterna e alta do nosso espirito, neste perenne escoar de homens e coisas para o oceano de poeira do Tempo. Elle vive hoje de uma realidade superior no nosso culto. E' que nesse asceta louro, forte como um fundibulario e doce como um santo, existiu uma alma sedenta de céu, um espirito faminto de divindade. Foi um theologo retardatario, um metaphysico descendente do tronco espiritual dessa grande arvore mystica que floriu na alma de S. Juan de la Cruz e de Jacob Boehme. Sua natureza era extatica como o sangue que lhe accendia nas arterias vagos anseios christãos, desejos de solidões povoadas por anachoretas e santos. Porque, no fundo, elle era como um S. Pacomio ou um São Bruno trazendo, na desordenada inquietação dos seus dias, a austeridade e a doçura dos sonhos canonicos. Todo o fundo da sua alma era agitado pelas tumultuosas analyses, pelas philosophias ardentes, pelo lento imaginar transcendental — que sem cessar, com a incansabilidade e a constancia de um mar que se agita e se revolve, bramia o seu louco sonho de Apocalypse e o seu mysterio de Geneses deistas.

A grave tragedia de Anthero estava toda na conclusão que Anthero tirou da inutilidade da sua vida. Sentia-se uma flamma mental e alta — mas que se ia em fumo. Todo se consumia no flamejar que illumina cimos, solidões e mundos incertos: mas claridade perdida acima das almas, num azul vasio. Em nuvens e sóes ia-se-lhe o pensamento — céu que se rasga, e está deserto:

*Oh nuvens do Occidente, oh coisas vagas,
Bem vos entendo a côr, pois, como a vós,
Belleza e allura se me vão em fumo!*

O demonio da analyse sopra-lhe no cerebro um tufão de escarneo, e elle cavalga a Metaphysica como um centauro ou um hypogrypho. Clown da Divindade, suas cabriolas pelo abysmo estellar, no dorso da esphynge agil e enigmatica, deixam um fremito de scintillações na pupilla immovel do Universo.

Vagabundo de Deus, seu espirito viaja pelos fantasticos céus, "armando uma tenda em cada estrella". Quando regressa, vem ainda coberto da poeira cosmica e os dedos humidos do fulgor dos astros. Em vão, como Robinson Crusoe, sonhou viver numa ilha, deserta e estellar, na remota solidão dos sóes. Um vento o toma, o arrasta, e o faz rolar, como pó entre o pó. Depois dá-lhe garras e juba, dá-lhe o desespero, o bramido, a colera, o leonino ansiar na jaula:

*Senti um monstro em mim nascer nessa
hora,
E achei-me de improviso feito fera...
— E' assim que rujo entre leões agora!*

Faz-se homem, mas homem impaciente pela morte. Ama-a, e o seu ne-

gro fulgor, a sua flamma de treva. Cobre-se todo do negrume dos céus miltonianos, e ao mesmo tempo do seu resplandecer silencioso. A Morte é, então, para elle, a sua bem-amada Beatriz:

*Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região innominada,*

*A vêr se fixo o teu olhar profundo...
Fixál-o, comprehendel-o, basta uma*

[hora.

*Funérea Beatriz de mão gelada...
Mas unica Beatriz consoladora!*

Emquanto a Beatriz consoladora tarda em lhe abrir a região dos sonhos adormecida, entrega-se elle á Philosophia, aspera Musa, sombria amante. Em vão procura o caminho recto, o alto caminho. A Verdade não está em nenhuma das nossas estradas. Satan divertese em riscar-lhe diante dos passos, impacientes e desesperados, encrezilhadas e labyrinthos. Atalhos que o Demonio baralha no caminho dos santos, estradas que ondulam e se enroscam como os aneis das serpentes. E elle se queda, o labio esteril e inerte para o fulgir do Verbo, transcendente, ou para a lyrica offerenda dos lyricos sonhos. Não dirá mais, com grande frescura de tropos, como na juvenlidade da sua alma:

*Adornou o meu quarto a flôr do cardo
Perfumei-o com almiscar rescendente:
Vesti-me com a purpura fulgente,
Ensaiei meus cantos como um bardo.*

Cruza os braços no lento gesto de um velho richi — e o Universo passa-lhe diante dos olhos como torpe poeira, indigna da meditação de um sabio, ou da melancolia de um asceta. Escolhe, para pouso do espirito, a leve solidão dos eremitas e a fina tristeza dos trappistas. Do mundo, nada quer senão a sua cinza, e, no nihilismo do seu ser, faz-se elle proprio cinza, faz-se "impalpavel pó":

*Ali, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monotono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se ha de enterrar meu coração.*

*Queimem-se os sóes da adusta solidão
Na fornalha do estio em dias lentos:
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o arido chão.*

*Até que se desfaza e, já tornado
Em impalpavel pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...*

*Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Desse infecundo, desse amargo mar!*

Sendo da linhagem dos mais puros eleitos, elle é um cimo, mas um cimo desesperado e desesperador, porque é um sceptico e um encyclopedista. Sua fé antiga expira debilmente como uma onda debil na fragua aspera da razão. E

é do alto dessa razão solitaria que elle lança a luz tremula do seu pensamento sobre o mundo. Mundo de fantasmas, entre fantasmas rolando. Sente que as apparencias são vãs — que sómente as anima o respirar de um deus calmo, enigmatico, athletico e monstruoso.

Um deus inconsciente, talvez, um deus innominado, um deus elementar. Para esse deus vamente se agitam as formas puras, se elevam os extases, sobem as claridades das almas. Tudo recahe sobre a terra, em cinza. Assim, sem Esperança, Anthero remexe os céus, vasculha as solidões, embrenha-se pelos ermos de Deus. Manhãs e noites elle as espalha, as dispersa num cogitar exasperado, lançando o espirito em galopes freneticos sobre os abysmos das controversias. E nada o sustem na desabalada correria para além dos mundos:

*Lá! Mas aonde é lá? aonde? — Espera,
Coração indomado! o céu, que anseia
A alma fiel, o céu, o céu da Idéa,
Em vão a buscas nessa imensa esfera!*

Seu amor da Idéa, sereno e grave, tem nesses momentos escuras turbações. Grandes nuvens (dessas que não se desmancham mais) roçam-lhe na alma. Os primeiros ventos, os rigidos ventos das planicies lugubres, começam a soprar os tragicos invernos que varrem do ser todo o calor e toda a chamma. E elle balbucia este verso, onde se sente que tudo é já irremediavel:

Que sempre o mal peor é ter nascido!

Tomba da grande Charneca Esteril. As paysagens da sua alma são fulvas e lividas. O Nirvana envolve-o no abraço lethargico, lá dos seus silenciosos outeiros de Veluvana. A Morte é ainda a sua "Beatriz consoladora" — mas já não lhe traz, nos dedos funebres,

A rosa ideal da eterna primavera!

Tambem a morte se lhe esvae da mente, como fumo. Vem, então, para Anthero, as horas verdadeiramente angustiosas do seu viver inquieto. Escreve febrilmente versos que depois febrilmente destroe. Por toda a parte reina-lhe na alma, como um tyranno, assolando tudo, incendiando tudo. As hordas do despota adunco trazem, nos dentes, um furor selvagem e, nas garras, a fome das rapinas moraes. Anthero entrega a alma á pilhagem, e, inerte, assiste á progressiva invasão do seu ser de todos os fantasmas, de todos os trasgos que a propria mente vae creando e soltando, como bandos de hunos, na cidade morta do seu coração.

Eram bem melhores os tempos em que nelle crepavam iras de apostolo, coleras de propheta, e um furor romantico, de Belleza e Realidade. Tempos em que trazia em torno de si, e no seu peito, uma extraordinaria febre, um immenso querer que lhe punham nos olhos

compton mackenzie

Realisou-se a 8 de Setembro, na sede da Associação dos Artistas Brasileiros, a recepção que esta revista e aquella sociedade offereceram ao illustre escriptor inglez Compton Mackenzie, redactor do "Times" e director de "The Gramophone", de Londres.

O motivo desta recepção era pôr o insigne critico musical em contacto com os nossos autores e artistas, utilisando-se o disco como interprete, deslertatam conseguido com exito.

Após haver percorrido a exposição do pintor Oswaldo Teixeira, bella demonstração da arte pletorica brasileira, Compton Mackenzie pôde constatar o alto gráo da nossa cultura musical perpetuada em varias gravações notaveis pela qualidade do repertorio e dos interpretes. Esta audição, embora muito rapida,

serviu para apresentar Lorenzo Fernandes Villa-Lobos, Zaccharias Antuori, Fructuoso Vianna e Heckel Tavares a um critico acatado em todo o mundo de lingua ingleza e que muito pôde ser util á nossa musica.

Pela primeira vez a phonographia prostrará aos nossos compositores um serviço de tão larga projecção, pois, por nosso intermedio foram offertados ao homenageado discos contendo obras de Villa-Lobos, Lorenzo Fernandez, Antuori, Mignone, Braga, Fructuoso Vianna, Alberto Costa, Barrozo Netto, Heckel Tavares, varias composições regionaes de Stephana de Macedo e outros autores, bem como duas árias do "Guarany", de Carlos Gomes, e as duas phantasias sobre o Hymno Nacional, a de Gottschalck, por Gulomar Novaes, e a de Burtle

Marx, pela Orchestra Philharmonica de Berlim, regida pelo proprio autor. Além destes, outros lhe serão entregues em Londres, pela casa Parlophone Co., por ordem da Transoceanic Trading Co., fabricante dos discos Odeon e Parlophon.

A esta festa de elevado e puro patriotismo estiveram presentes Mmo. Almirante Marques Couto, Prof.^a Léa, Azeredo da Silveira, Prof.^a Celção de Barros Barreto, Prof.^a Nadile Lacaz de Barros, pianista Isa Bevilacqua, pintora Macfrancelina de Barros Fancão, escultora Nicolina do Couto, Dr. Guerra Duval, Sr. Bernardo Cardoso Junior, Dr. Emilio Cunha e muitas outras pessoas cujos nomes não registamos.

A Professora Léa Azeredo da Silveira offereceu duas composições para canto de sua autoria. Com os discos o Sr. Mackenzie levou tambem exemplares da Revista Brasileira de Musica, da Revista da Associação Brasileira de Musica, de Festa, e programmas das audições phonographicas promovidas pela Associação Brasileira de Musica.

A's casas R-C-A-Victor Brasileira, Inc.; Paul J. Christoph Co.; Byington & Co.; Transoceanic Trading Co.; A Melodia, Ao Pinguim, bem como a todas as pessoas que tiveram a gentileza de comparecer á recepção e que nos prestaram todo o apoio para que ella se realizasse com pleno exito, apresentamos, aqui os nossos calorosos agradecimentos.

de celta e na hirsuta barba de rei assyrio, um clarão visionario e vidente. Bons tempos em que sentava alegremente junto ao lume alegre, rodeado dos "Vencidos da Vida", e pasmava Eça de Queiroz, Ramalho, Guerra Junqueiro, com o seu sorriso, e suas syntheses, seus largos sopros inspirados, deslumbravam aquellos languidos adoradores de Hugo e Baudelaire. Porque a geração de Anthero devotou-se toda ao encanto da Forma, á épica alegria da Cór. Oliveira Martins foi um historiador vivamente impressionado com o movimento, amando mais do que tudo, na Historia, o ondear dos factos, o ruído das multidões, o sonho das Eras, o resuscitar tumultuoso dos Tempos. Tacito, ao ensaiar seus largos paineis, embestia o pincel no mundo colorido de Homero; Ramalho foi um pamphletario-artista, um Sagitario desdobrado num raro Benedictino capaz de longamente mergulhar, numa adoração devota, nas Encyclopedias e nos Humanismos; Guerra Junqueiro é, antes de tudo, um poderoso symphonista, um hugoano agitador de tropos e metaphoras. Seus versos são ricos de Cór, ricos de Som: Eça é o mais puro dos esculptores da Forma, e o seu instincto de belleza levou-o a descobrir um novo idioma, a revelar um paiz do Espirito, inteiramente ignorado dos nossos olhos. Anthero foi, porém, o unico a desprezar as puras ideologias formaes. Seu esforço tende para a Idéa immanente, a Idéa que tem um fulgor maior que todas as formas. Era dessa luz que vinha palpitando e estremecendo a sua palavra, essa palavra de Anthero, que punha a seus pés, como pelas escadarias da Sé Nova, discipulos de toda a vida.

Anthero foi tambem um dos homens que abrigaram em si maior vastidão de belleza moral. Os louvores de Eça e de Oliveira Martins põem-lhe em torno da frente uma auréola de semi-divindade. Caracter todo feito de um só bloco. Alma solida, como uma estalactite millenaria. E, nella, uma immensa sombra de Bondade, igual a de uma floresta rumbrosa e protectora. Em Anthero, o genio

seria uma nevrose. Mas nevrose de inaudita santidade. No seu rugir havia doçura, no seu furor meiguice. Seu incendio interior não queimava as almas, illuminava-as. E para que os seus Sonetos não causassem damno, não fizessem mal, destruiu-os. A gloria não a cobrava esse espirito, embuçado como um monge Savonarola nas suas scismas incendiadas, e lançando ao vento universal, as sentelhas de todo esse inutil e desmesurado sol de desolação, com que elle, ardendo, e se consumindo, allumia-va os homens e as cousas.

*Não busco nesta vida gloria ou fama:
Das turbas que me importa o vão ruído?
Hoje, deus... e, amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extinta chama!*

Quanto soneto, de Anthero, não ficou, entretanto, como chama que não se extingue. O pensamento, que nelle foi um tão alto grito de dor e angustia-da interrogação, ao Universo, e a Deus, ficou como a essencia preciosa da sua poesia, a emanação superior da sua alma.

Esse fumo a que elle tudo reduzia — homens, sonhos e cousas — não se evolará dos seus versos, tão densos hoje, e frementes, como na época em que foram escriptos. Emquanto o homem se perder em soliloquios eternos, e seguir, á sombra da velha Metaphysica, a espiral rebelde do seus raciocinios mysteriosos — Os Sonetos serão ansiosamente relidos, como azas esvoaçantes que se buscam para os tontos vãos á beira do abysmo.

Doce propheta de tantas verdades, elle se enganou, quando disse:

*— "Ouve! espera! — Mas eu, sem te
[escutar,
Fuçirei, como um sonho, aos teus abra-
[ços
E como fumo sumir-me-ei no ar!*

A Morte, no seu frio abraço, tudo leva consigo. Excepto o Pensamento que, como a Illusão, é a propria essencia, eterna, da Vida...

ismael nery

Segundo a tradição dos precursores, Ismael Nery só será conhecido depois que se passarem alguns annos sobre a data de sua morte. Como pintor e desenhista (um dos aspectos da sua multiforme actividade) elle offereceu um exemplo que foi desprezado, mas que não deve ser esquecido: pregou a pesquisa ininterrupta em todos os departamentos da sensibilidade e da intelligencia, e a necessidade de continuo auto-exame afim do artista poder attingir o typo universal, schematico, abstracto — contra todas as preoccupações de folk-lore e nacionalismo que constituíram moda nestes ultimos annos.

As centenas de desenhos que Ismael deixou, mesmo que não tivessem outro merito — e o têm, pela sua grande *virtude* plastica — serão sempre conservados com interesse. Justamente porque *não marcam uma época*; o artista procura abstrair delles as tendencias caracteristicas de uma determinada época, incorporando, embora, ao seu sistema de conjunto, as acquisições do momento historico em que viveu, e recolhendo a parte essencial das mesmas.

Através de taes desenhos transparece sempre o motivo do homem eterno, a quem as transformações politicas e economicas e invenções da technica não attingem em sua essencia, e sim nas suas categorias superfluas. Até o fim dos tempos o homem incorporará á sua propria economia tudo o que resultar do seu genio inventivo, submettendo-se somente ao principio absoluto, Deus.

DISCO

E RÁDIO

Edições recentes

Orchestra

R. STRAUSS: Morte e Transfiguração, op. 24. Poema symphonico — Pela Orchestra de Philadelphia, regida por Leopold Stokawiski.

Discos Victor nos. 8.288 --- 8.291.

Morte e Transfiguração — data do 1889 e traz o n.º 24. E' a historia de um infeliz que, no leito de morte, passa revista á sua vida. Todas as horas tristes, ou alegres voltam á memoria. Pensa nos esforços que fez, em vão, para realizar o seu ideal. Agora está prestes a succumbir, agora vem o repouso, a redempção. O assumpto foi tirado de um poema de Alexandre Rítter.

"Em um quarto miseravel, illuminado por uma lamparina, um doente jaz em seu leito. A morte aproxima-se no melo do silencio medonho. O doente sonha de vez em quando e acalma-se com as suas recordações. Sua vida repassa deante de seus olhos: sua infancia ino-

cente, sua mocidade feliz, as lutas da idade viril, seus esforços para attingir o fim sublime dos seus desejos, que lhe escapa sempre. Continua om sua procura e cre' attingi-lo, enfim; mas a morte o detem com um "Alto", de trovão. Luta desesperadamente e se obstina, mesmo na agonía, a realizar seu sonho; porém a folce da morte corta seu corpo e a noite desce a seus olhos. Agora rosôa no céu a palavra de salvação que elle aspirava em vão na terra: Redempção! Transfiguração!"

Sobre este tragico e doloroso poema. Strauss compoz um dos seus mais emocionantes poemas symphonicos e tambem um dos mais accessiveis á mentalidade latina, pela escolha e simplicidade do assumpto como pela harmonia das proporções.

Leopold Stokowski e a Orchestra de Philadelphia interpretam magistralmente as paginas brilhantes e pathoticas do poema straussiano, de que a Victor nos dá uma edição soberba de nitidez e de sonoridade.

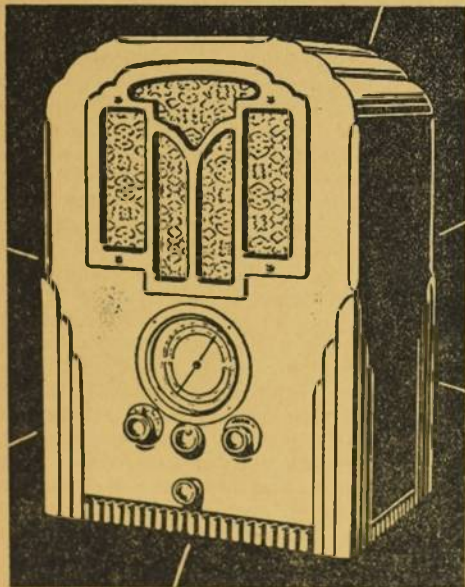
Bach. Suite em Ré Maior, n.º 3. Pela Orchestra da British Broadcasting Learp., dirigida por Adrian Broalt.

Disco Victor numeros 11-633-11-695.

E' muito illimitado o numero de composições de J. S. Bach para orchestra. As principaes são as quatro "Suites", que foram escriptas em duas epocas diferentes: em Coethen, quando elle exercia o cargo de mestre de capella do príncipe de Anhalt, e em Leipzig, de 1730 a 1736, quando director do "Collegium Musicum". São construidas sobre um mesmo plano comprehendendo uma *ouverture* em estylo contrapuntado e varias arias de dansas, das quaes, de ordinario, uma é de movimento lento. O da "Suite em Ré", a celebre aria na corda de sol, é particularmente reputado.

A orchestra geralmente não comporta mais do que os instrumentos de arco, aos quaes se ajuntam, ás vezes, algumas madeiras.

A orchestra da B. B. C. sob a regencia de Adrian Boult, pode orgulhar-se da execução e da interpretação desta, por todos os títulos, magnífica obra de arte.



M O D E L O 1 4 1

Ondas curtas e longas.

Som agradável e puro. Grande alcance. Capta todas as estações de onda curta do mundo. Preço conveniente.

Novidades em Discos Victor

As grandes Obras dos Mestres da Musica

- A Collecção das Sonatas para Piano de **Beethoven**, pelo pianista ARTHUR SCHNABEL.
- A Série dos celebres Quartettos para Cordas de **Haydn**, pelo QUARTETTO RIO-ARTE.
- Os Quatro maravilhosos Concertos para Piano e Orch. de **Beethoven**, pelo pianista ARTHUR SCHNABEL e a ORCH. SINF. DE LONDRES.
- A Collecção de "lieder" de **Hugo Wolf**, interpretada por um conjunto de grandes artistas.
- A Série de Preludios e Fugas de **Bach**, pelo pianista EDWIN FISHER.

E outras importantes obras de **Chopin, Liszt, Schumman, Wagner, Schubert, Mozart, Cesar Franck, Rachmannioff, etc.**

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

SÃO PAULO
Rua S. Bento, 33
Rua Direita, 25
R. Palmeira, 2-a

RIO DE JANEIRO
R. do Ouvidor, 95
R. Gonçalves Dias, 64
Av. R. Branco, 122
R. da Carioca, 70

NICHEROY
R. Concelção, 77
SANTOS
R. Commercio, 46

DISCOS ODEON NACIONAES

FRANCISCO MIGNONE:

- 1) Valsa Elegante
 - 2) Microbinho.
- Landa Sertaneja n.º 2.
Disco n.º x 2-177.

FRANCISCO MIGNONE:

Tango
Cocanga

Disco n.º X — 3.180.

Ambos gravados pelo pianista Souza Lima. Estes dois discos apresentam cinco composições do nosso distinto musicista Francisco Mignone, todas inspiradas em motivos brasileiros tratados com arte e proficiência. A interpretação de Souza Lima, brilhante e sincera, faz inteira justiça ao valor das peças e constitui uma das razões por que estes dois discos devem fazer parte de todas as boas discotecas.

"JURUPARY" BAILADO DE VILLA-LOBOS

Da temporada musical deste anno, tão rica e variada, talvez tenha sido acontecimento culminante a criação de Jurupary, bailado de Serge Lifar, primeiro bailarino da Opera de Paris, musica de Villa-Lobos. O genero "bailado" é um genero falso, conglomerado de elementos heterogeneos. A obra-prima é possível, nesse genero, porque a capacidade creadora, em arte, faz milagres. E', porém, uma forma incommoda, adstricta a innumeraveis convenções. Entretanto, a musica moderna deve-lhe momentos de grande felicidade. Bastariam os ballados de Strawinsky, "Petrouchka" e "Sacre du Printemps" para immortalizarem essa tentativa de synthese, em que a musica sofre dum obumbramento inevitavel, para maior gloria da virtuosidade dos choreographos.

Dos ballados montados, este anno, pela empresa que intelligentemente organizou a temporada ultima, em que ouvimos dois Wagner inesqueciveis ("Walkyria" e "Tristão e Isolda"), só "Jurupary", de Villa-Lobos, merece memoria. Ouvido e visto após tres realizações sem grande significação, só "Jurupary" conseguiu transfigurar um auditorio fatigado por tres ballados e quatro tremendos actos do "Trovador". Uma e vinte da madrugada! Os demais ballados tinham desagravado francamente. A platéa murmurava francamente. Choreographia convencional e triste. Musica sem elementos de suggestão indispensaveis para o genero. "Paz", de Francisco Braga, não visou nunca ao "balle". "Imbapara", de Lorenzo Fernandez, scenicamente realisada, revelou uma pobreza rythmica que os seus motivos geradores não pareciam annunciar. "Amazonas", de Villa-Lobos, pagina famosa no mundo, não interessou em sua feição nova. "Jurupary" foi outra coisa.

A simples entrada de Lifar em scena foi como si se déra uma completa mutação de planos artisticos: outro universo, mais alto, com aquella aeração surpreendente e aquella irresistivel pujança da genialidade. Musica das mais bellas, mais intrinsicamente nacionaes e de maior significado geral que o Brasil tenha produzido. Rythmo categorico, duma admiravel virilidade, timbres de uma frescura aural; chelo de verdadeira substancia humana; figuração talvez um pouco heteroclitica, mas extremamente suggestiva. "Jurupary" será opportunamente estudado, nas columnas de FESTA, como merece.

meia hora com terán

(Conclusão da pag. 11)

Bate-se numa técla: vale ... mil réis!! Impossível!...

...Era Granados quem tocaria nesse, em qualquer piano mais caro ainda, com aquella sua simplicidade expressiva, magistral. Granados estava bom á vontade em qualquer lugar do mundo. "Sou o musico que nunca estudou em nenhum Conservatorio..." Um grão-senhor da Musica, e um anjo. Ninguem tocou jamais Mozart como Granados. Modelo de honestidade, e, sobretudo, uma poesia inexprimível.

...A obra? A obra de Granados, attinge regiões da alma espanhola insuapeitada pelos outros creadores espanhóis. Uma limpidez que parece nua, mas que é substancial.

...E' uma questão difficil de deslindar. Por que ha uma poesia de seducção immediata e outra que não se impõe, mas que se insinua mais fundo. A pompa, a festividade tinte de Oriente, de Albeniz vae se firmando, no universo musical como paradigma da Musica Iberica. E', no entretanto, musica de caracter, typica, porém não precisamente synthese re-

presentativa. O proprio Albéniz tem paginas mais essenciaes, "Almeria", por exemplo. Rubinstein creou uma physionomia hyper-espanhola para Albéniz, em "Iberia". Um encanto absoluto. E' essa, para toda gente, hoje, a Espanha unica. Vae nisso um exaggero. Ha outras Espanhas. Entre ellas: a Espanha resequida, estricta, dolorosamente inerte, sem "salero" nenhum.

E ha o puro sentimento iberico, transparente e, emtanto, tão intrinsicamente mysterioso. Granados é a voz desta ultima. Granados ainda ha de ser descoberto!

— Um Granados, Terán?

— Que horas tem você? Ah! Não é possível. Venha mais cedo, outra vez. Ha um casal de velhos aqui ao lado... Impossível!!

Madama Terán, tranquillamente:

— E pela manhã ha uma ballarina que se recolhe tarde, e dorme até meio-dia.

ANDRADE MURICY.

Phonographia

A phonographia é um riquissimo thesouro de que podem lançar mão os compositores, para colligirem motivos de todos os pontos da terra, sem os aborrecimentos de uma investigação local. De Puccini, por exemplo, conta-se que, desejoso de dar á sua opera "Turandot" uma exacta côr local, mandou buscar numerosos discos de canções populares chinezas, os tinha sempre a seu lado e os ouvia sem cessar para crear uma atmosphaera em torno de si.

O radio... jocoso

Ha tempos, o medico americano John R. Brinkley, proprietario de uma estação radiofusora no Estado de Kansas, iniciou uma série de irradiações sobre o poder rejuvenecedor da glandula de cabra. Com o thema dessas conferencias não concordou, porém, a censura da Commissão Federal de Radiofusão, que ordenou a suspensão das mesmas. O conferencista não deu attenção ás instruções recebidas, mas, um bello dia, viu cancellada a licença da sua estação pelas autoridades de Washington.

Possuidor de grande fortuna o medico não se deu por vencido.

Solicitou e obteve do governo mexicano autorisação para construir uma grande estação nas proximidades da fronteira do Estado de Texas.

Esta transmissora, dotada de installações muito poderosas que permitem irradiar com uma potencia de 150 kw., é designada pelas letras X. E. R.

Por ella o medico continuou diffundindo nos Estados Unidos as suas conferencias, o que deu motivo ao baptismo popular de "estação glandula de cabra" á mais poderosa estação do continente americano.

Como essa lucta exigisse dispendios con-

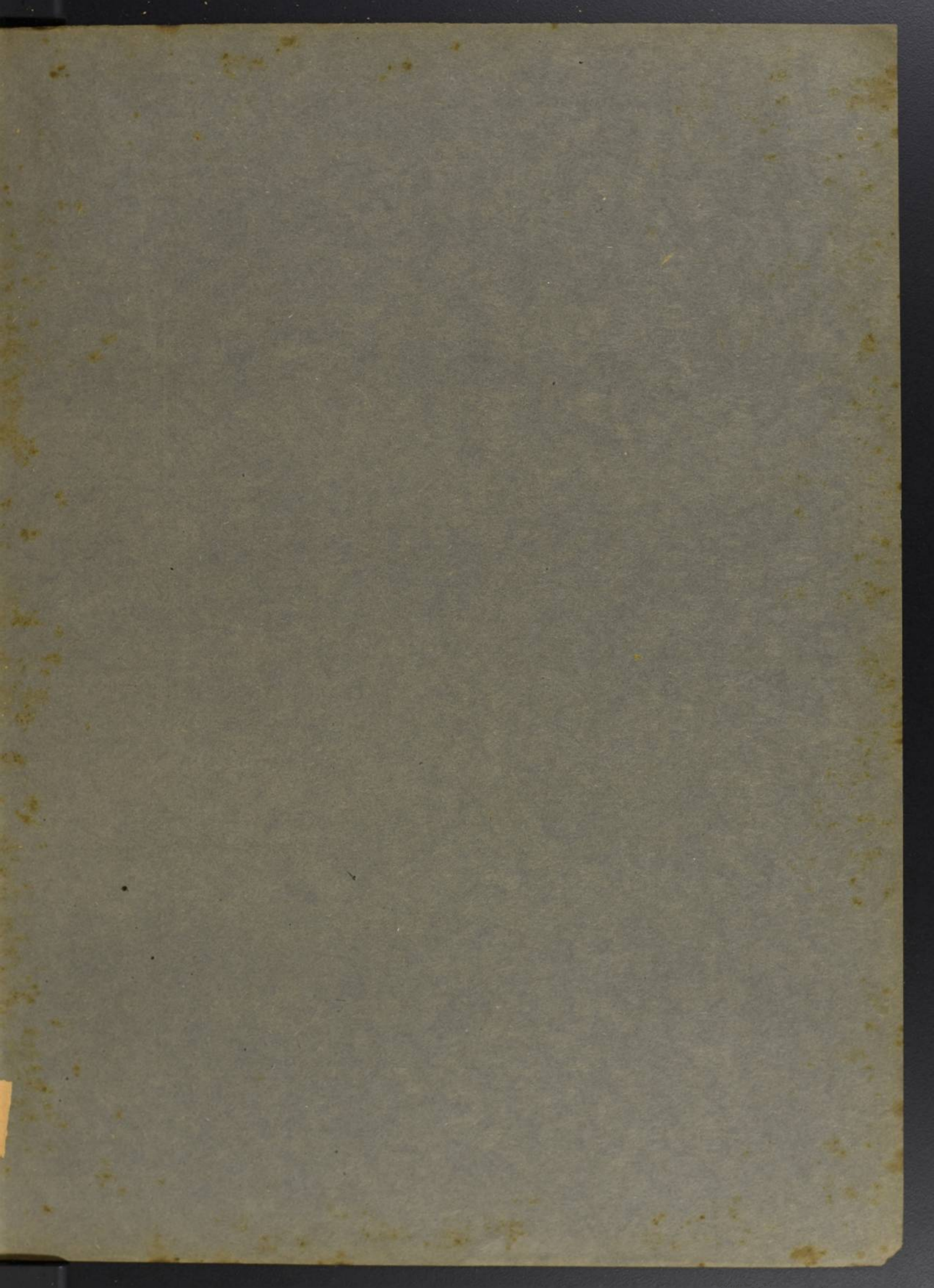
sideraveis, o Dr. Brinkley achou mais acertado encerrar as suas actividades radiophonicas, passando á historia da radiofusão como heroe de um episodio inédito e anecdótico.

«Brejo das Almas»

(De Carlos Drummond de Andrade)

Livro de atmosphaera violentamente subjectiva. Visão do mundo, como no livro anterior, dolorosa e voluntariamente restricta a agudo amargor. Falsa bonhomia, é mal expressar a nuance particular daquella sorridente cansella da idealidade num moço cuja seiva se entromostra, entanto, lindamente humana e juvenil. A mansa graciosidade dos poemas de "Brejo das almas" não encobre uma virilidade um tanto aspera, a que o desencanto acrescenta arestas talvez friaveis, e que o tempo, tão generoso, possivelmente desgastará. Dir-se-lia poesia de solteirão, independentemente, é claro, do estado civil do seu autor. E' a mesma e typica ironia um pouco triste dos solitarios bons, que soffrem pelos outros, mas que procuram defender, tanto quanto possível, a sua vida sentimental recatada e pudica. Ao mesmo tempo, e harmonizada com isso tudo, maior desenvoltura de gestos, um tom mais desportivo. Poemas como "Necrologio dos desludidos do amor" ou "O voo sobre as igrejas" são notas de curiosa e propria significação em meio das tantas curiosas tentativas da poesia moderna do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, tendo alguns traços na architectura de suas peças analogos aos de alguns outros "novos", apresenta, por outro lado, timbres psychologicos inconfundiveis. O seu subjectivismo é pessoal. A sua expressão, nem sempre definitiva, tem o sabor e a seducção do instavel e do momento amavel que passa.



**Antes
de comprar
sua casa,**

procure

a

**Cia. Brasileira
de Terrenos**

Rosario, 139

3-3970

216